

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
Curso De Serviço Social

Talícia Carneiro Dos Santos

**O GRAFFITI COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL NO
GRAJAÚ: UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE A PERIFERIA OU
UM GRITO DE PROTESTO PARA A SOCIEDADE?**

São Paulo

2015

Talícia Carneiro Dos Santos

**O GRAFFITI COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL NO
GRAJAÚ: UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE A PERIFERIA OU
UM GRITO DE PROTESTO PARA A SOCIEDADE?**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado ao Curso de Serviço
Social da Universidade de Santo
Amaro – UNISA, como requisito
parcial para obtenção do título de
Bacharel em Serviço Social
Orientador: Mestre Tito Arturo
Valencia Monárdez

São Paulo

2015

Talícia Carneiro Dos Santos

**O GRAFFITI COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL NO
GRAJAÚ: UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE A PERIFERIA OU
UM GRITO DE PROTESTO PARA A SOCIEDADE?**

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado ao Curso de Serviço Social da
Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Mestre Tito Arturo Valencia Monárdez

São Paulo, _____ de _____ de 2015.

Banca Examinadora

Mestre Tito Arturo Valencia Monárdez

Mestre José Carlos Veloso Pereira da Silva

São Paulo

2015

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de concluir esta graduação, aos meus pais que contribuíram para que eu alcançasse esse objetivo e sempre me apoiaram. Agradeço ao meu namorado Gerson por me apoiar e ser paciente. Agradeço a meus amigos Rafael (Nut), Rafael (Frenesi), Felipe Borges, Wellington (Tim), Harry Borges, Garry Batista por me apoiar contribuir da forma como puderam. Ao coletivo INARSEM muito obrigado por esta rica oportunidade.

Epigrafe

“Muito além das limitações... além dos muros, tintas e talas... O graffiti vem invadindo os espaços e propondo ideia, é o gueto mostrando que pensa, inova e mostra que a sujeira da rua é tão chique quanto o glamour dos espaços burgueses, só que mais humilde e verdadeiro”.

Harry Borges (Artista plástico, grafiteiro e técnico social).

Resumo

Este trabalho tem por objetivo revelar de qual forma o graffiti é usado como ferramenta de inclusão social no Grajaú, verificar como as intervenções urbanas de graffiti interferem no cotidiano do cidadão, como os mesmos interagem e conhecer a intenção dos grafiteiros ao projetar a arte nos muros, para tanto foi realizar pesquisa de campo com entrevistas (4) com grafiteiros do coletivo IMARGEM que desenvolve atividade e intervenções no distrito do Grajaú e questionários (50) com moradores. Como hipótese acreditávamos que a arte projetada nos muros poderia causar a sensação de identificação e que o grafiteiro vê o graffiti como ferramenta de inclusão. Os resultados confirmaram a hipótese, porem trouxeram também a questão da identificação e pertencimento como principais ganhos desta cultura chamada graffiti.

Palavras chaves: Identidade, graffiti, pertencimento, inclusão social, periferia.

Abstract

This study aims to reveal which way graffiti is used as a social inclusion tool in Grajaú, check how urban graffiti interventions interfere in citizens' daily lives, how they interact and know the intention of graffiti artists to design the art on the walls, to do so was to conduct interviews with field research (4) with IMARGEM collective of graffiti artists who develops activity and interventions in Grajaú and questionnaires (50) with residents. As believed hypothesis that art projected on the walls could cause the feeling of identification and the graffiti artist sees graffiti as inclusion tool. The results confirmed the hypothesis , however also brought the issue of identity and belonging as main earnings call this graffiti culture.

Key words: Identity, graffiti, belonging, social inclusion, periphery.

Lista de Ilustrações

Tabela 1	14
Gráfico 1	14
Tabela 2	15
Gráfico 2	15
Imagem 1	23
Imagem 2	23
Imagem 3	27
Gráfico 3	46
Gráfico 4	46
Gráfico 5	46
Tabela 3	47
Gráfico 6	47
Gráfico 7	48
Gráfico 8	48
Gráfico 9	49
Gráfico 10	50
Gráfico 11	51
Gráfico 12	55
Tabela 4	55

Lista de Abreviações

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SMC	Secretaria Municipal de Cultura
MINC	Ministério da Cultura
FAAP	Fundação Armando Alvares Penteado
MC	Mestre de Cerimonia
DJ	Disk Jockey
ONG	Organização Não Governamental

SUMÁRIO

Introdução	12
1 CAPITULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DO GRAJAÚ E O GRAFFITI	13
1.1 Historia do Distrito Grajaú	13
1.2 Historia do Graffiti.....	15
1.2.1 Graffiti no Brasil.....	17
1.2.2 Destaque Feminino na Cena do Graffiti	19
1.2.3 O Graffiti no Distrito do Grajaú	21
1.3 Graffiti x Pichação	24
1.4 Estigma de Marginal.....	28
2 CAPITULO II – A INCLUSÃO SOCIAL.....	28
2.1 Inclusão Social	28
2.2 Inclusão Social Pelo Graffiti.....	31
3 Capitulo III – Aspectos Metodológicos e Resultados.....	32
3.1 Campo de Pesquisa	32
3.2 Sobre o Coletivo Imargem.....	32
3.3 Metodologia.....	33
3.4 Aplicação da Metodologia	34
3.4.1 Grafiteiros.....	34
3.4.2 Moradores	35
3.5 Resultados	35
3.5.1 Graffiti E Inclusão, Mas Como Isso Acontece?	35
3.5.2 Graffiti e Cultura	37
3.5.3 Graffiti e Participação na Cidade.....	39
3.5.5 Graffiti Como Ferramenta de Comunicação.....	40
3.5.6 Graffiti e Identidade	42
3.5.7 Um Olhar Diferenciado Sobre a Periferia ou um Grito de protesto Para a Sociedade	43
3.6 Graffiti no Grajaú	44
3.6.1 Perfil dos Moradores do Grajaú que Responderam os Questionários	44
3.6.2 A intervenção pelo Graffiti, a percepção da população do Grajaú	48

3.6.3 Trabalho do IMARGEM	52
3.7 Considerações	55
REFERENCIAS	57
Anexo A.....	60
Anexo B.....	63
Anexo C	66
Anexo D	79

Introdução

Este trabalho busca a compreensão das intervenções de graffiti no Grajaú, para tanto foi necessário realizar a contextualização do graffiti no mundo e no distrito Grajaú, ressaltando a subjetividade desse distrito, trazendo dados que acreditamos ser importante, tais como acesso a cultura, renda média da população, escolaridade etc. No histórico do Graffiti no mundo falamos de sua vertente na pichação, espaço feminino limitado dentro desse universo, com dados que apontam esse fato não só dentro do graffiti, mas na sociedade. No capítulo referente à inclusão social trouxemos alguns autores que tratam o tema de diferente óticas, falando do ponto de vista da exclusão social, do uso indiscriminado da palavra inclusão social e inclusão social pelo graffiti. Em aspectos metodológicos pode ser encontrado informações referente ao campo de pesquisa e sua aplicação para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa. A análise foi construída traçando um paralelo entre o uso do graffiti e a inclusão social. Busca-se aqui contribuir com a diminuição do preconceito que existe com a arte e com o artista grafiteiro, dissertando sobre o estigma de marginalidade dos praticantes dessa modalidade de arte de rua.

1 CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DO GRAJAÚ E O GRAFFITI

1.1 Historia do Distrito Grajaú

O distrito do Grajaú tem 360.787 habitantes¹, 84 bairros, 126 favelas distribuídos em seus 92 km² de extensão. Para se ter uma noção da grandeza destes dados, do ponto de vista territorial, o Grajaú possui praticamente o mesmo tamanho que os municípios de Osasco e Diadema juntos. Tratando-se de população, o distrito do Grajaú se aproxima de cidades como Jundiaí (370 mil habitantes).

Valeria Lopes em vídeo Grajaú, História do bairro de São Paulo, descreve esse distrito como um dos mais violentos² da cidade, banhado pela maior represa urbana³.

O vídeo traz também que a procura pelo distrito do Grajaú se deu pela necessidade de moradia e ao desejo de sair do aluguel. A ocupação ocorreu nas décadas de 50 e 60 com a instalação do pólo industrial da região de Santo Amaro e com terrenos a baixo custo, porem com condições precárias e ilegais, grande parte das propriedades não tem a escritura, foram construídas em área de mananciais. Portanto os moradores vivem esse contraste entre as construções, a área verde e a água. As expressões da questão social nas formas de construções irregulares, a oferta de moradia na região que não supre a necessidade dos moradores, a grande quantidade de famílias que vivem em condições insalubres contribuem para o aumento do desmatamento.

¹ Dado coletado com a Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras.

² Como ilustra a matéria da Folha de São Paulo de Gilmar Penteadó “A cada assassinato em Moema, 130 são mortos no Grajaú”.

³ Segundo dados da SABESP, a represa Billings possui um espelho d'água de 106,6 quilômetros quadrados, uma capacidade de armazenamento de 995 milhões de m³ e beneficiam cerca de 1,8 milhão de pessoas.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2012 a região de Capela do Socorro, onde está inserido o Grajaú, tem a pior média salarial da capital paulista juntamente com outros distritos da zona sul com R\$ 1.292,69, contra R\$ 1.587,17 de Vila Prudente e R\$ 3.411,60 do Butantã.

A região é carente de equipamentos culturais, como por exemplo, salas de teatro, segundo dados da Secretaria Municipal de Cultura (SMC), a região administrativa da subprefeitura da Capela do Socorro possui apenas dois teatros, isto é, 0,79% das salas da cidade.

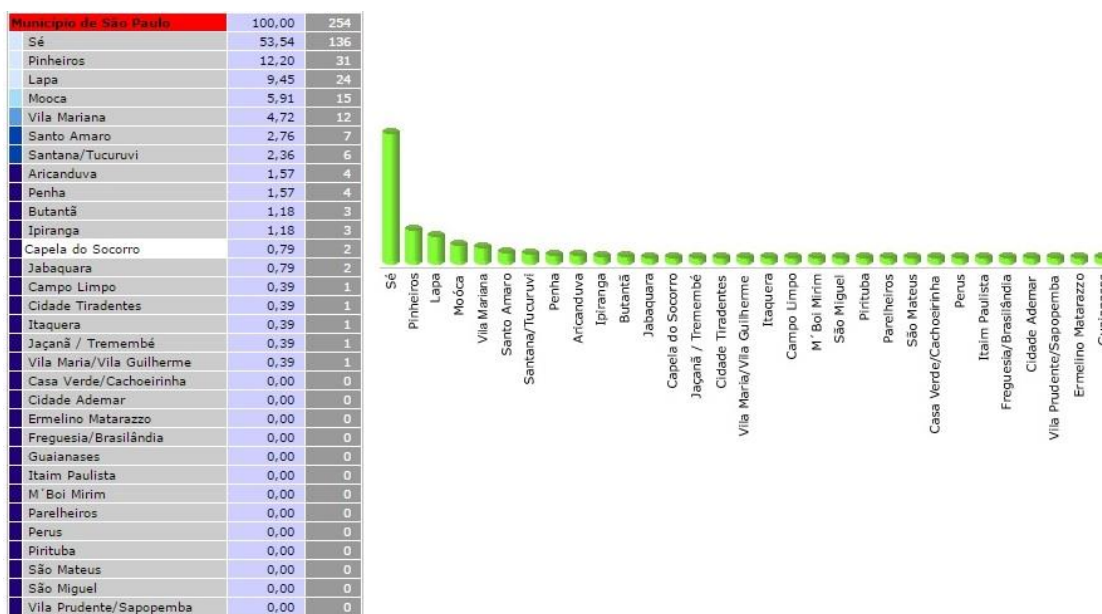


Tabela 1 – Numero de equipamentos de teatro por subprefeitura **Gráfico 1**

Fonte: observatório da cidade – Rede Nossa São Paulo

Mesmo ao analisarmos o numero de iniciativas culturais da comunidade existentes e financiadas pelo Ministério da Cultura (MINC), ou pontos de cultura, a região estudada neste trabalho mostra-se incapaz de atender as demandas de cultura de sua população, que para ter acesso a atividades de cultura e lazer, quando dispõe de tempo e condições financeiras, se vê obrigada a se deslocar para as regiões centrais da cidade.

Município de São Paulo		
Sé	100,00	123
Pinheiros	23,58	29
Butantã	13,01	16
Butantã	6,50	8
Campo Limpo	6,50	8
Ipiranga	4,07	5
Lapa	4,07	5
Vila Mariana	4,07	5
Vila Prudente/Sapopemba	4,07	5
Capela do Socorro	3,25	4
M'Boi Mirim	3,25	4
São Miguel	3,25	4
Cidade Tiradentes	2,44	3
Freguesia/Brasilândia	2,44	3
Santo Amaro	2,44	3
São Mateus	2,44	3
Cidade Ademar	1,63	2
Ermelino Matarazzo	1,63	2
Guaianases	1,63	2
Panelheiros	1,63	2
Penha	1,63	2
Vila Maria/Vila Guilherme	1,63	2
Itaim Paulista	0,81	1
Itaquera	0,81	1
Jabaquara	0,81	1
Jaçanã / Tremembé	0,81	1
Mooca	0,81	1
Santana/Tucuruvi	0,81	1
Aricanduva	0,00	0
Casa Verde/Cachoeirinha	0,00	0
Perus	0,00	0
Pirituba	0,00	0

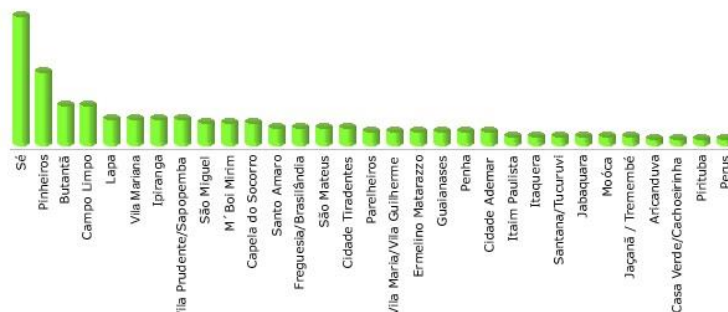


Tabela 2 – Numero de equipamentos de teatro por subprefeitura

Gráfico 2

Fonte: observatório da cidade – Rede Nossa São Paulo

A questão da arte surgiu como válvula de escape, pois vendo as expressões da questão social, jovens iniciaram na pichação, no graffiti ou em outros elementos do Hip Hop um movimento de contestação, elaboraram um discurso, apresentaram seu raciocínio crítico sobre tudo que estava estabelecido, dos paradigmas que precisavam ser quebrados.

1.2 Historia do Graffiti

Os pioneiros do graffiti foram Taki 183 e Phase 2 e seus primeiros graffitis surgiram no final da década de 60 e inicio de 70 em Nova Iorque como um dos elementos do movimento Hip Hop⁴ compostos por: Rap, Break, e Graffiti, originários dos guetos americanos.

Jovens de áreas periféricas começaram a marcar os territórios por onde transitavam, os graffitis surgiram como forma de comunicação e identificação entre os Writers (escritores), pois costumavam escrever com tinta spray seus

⁴ Movimento de cultura urbana composta pelo graffiti, musica rap e break dance

próprios nomes como forma autoafirmação e marcação de território ou frases que denunciavam as desigualdades e questão social da época, porém Bacelar (2002) e Gitahy (1999) fazem um parêntese sobre o surgimento do graffiti no mundo.

Os autores relatam que é possível perceber graffiti pré-históricos registrados pelo homem das cavernas com as pinturas rupestres, esses graffiti eram representados por figuras de caçadores, animais, e símbolos que contextualizavam a época. Os materiais não eram tão aprimorados como hoje, utilizavam suco de plantas, gordura de animais, ossos fossilizados ou calcinados.

As paredes dos túmulos dos faraós egípcios, e os símbolos da igreja nas catacumbas de Roma também poderia ser uma espécie de graffiti que narravam os fatos de uma forma mais elaborada e requintada de que a do homem das cavernas, o fato é que já havia a necessidade de comunicação e expressão.

Cardoso (2011) também atribui ao graffiti à característica de atividade ancestral da nossa civilização quando discute a origem do termo:

A palavra Graffiti ou grafito (do italiano graffiti, plural de graffito) significa em Latim e Italiano “escritas feitas com carvão” graffiti vem da palavra “graphein”, que em Grego significa escrever, sendo também o nome que se dá ao material de carbono que compõe o lápis, de onde se conclui que tem tudo a ver com escrever com carvão, desde o Império Romano. (CARDOSO, 2011)

Porém, o graffiti como conhecemos, isto é, dentro da cultura hip hop e como elemento de arte urbana, data do final da década de 60 em Nova Iorque. As intervenções de graffiti eram realizadas em trens, muros e todo suporte em que o artista encontrasse inspiração. Essas intervenções eram marcadas por um sentimento transgressor, como se o artista quisesse gritar ao mundo da sua existência. São sempre em locais de visibilidade, para tornar-se um canal de comunicação. O exemplo dos trens, que se tornaram veículos de comunicação

entre a periferia e o centro, essa visibilidade possibilitou a percepção de sujeitos históricos ocupando espaços públicos.

Deve se destacar também nesta década um dos geniais pioneiros do graffiti no mundo, Jean Michel Basquiat, que em seus graffiti em prédios abandonados em Manhattan deixava mensagens poéticas logo chamando a atenção da imprensa de Nova Iorque e hoje é um ícone do graffiti.

Ramos em seu artigo “Graffiti & pichação: por um nova epistemologia da cidade e da arte” (2008) fala sobre o muro de Berlim conhecido também como muro da vergonha, que foi um grande marco da comunicação e protesto por meio do graffiti. No lado oeste do muro, haviam pedidos para seu fim, que impedia a travessia para o lado leste, pois deste lado havia guardas fortemente armados. Nele pessoas de todo o mundo deixavam suas marcas, intervenções por meio de frases, desenhos etc. o que servia como um espaço de segregação passou a ser um ponto de protesto e comunicação por meio da arte. Quando o muro foi derrubado em Novembro de 1989 pela população de ambos os lados causando o fim da segregação, as imagens apareceram nos veículos de informação transformando esse ato histórico um marco do graffiti no mundo, essas imagens registradas foi transformadas em patrimônio artístico de museus de arte.

Na contramão deste movimento histórico nas décadas de 80 e 90 o graffiti foi combatido em muitas cidades da América do Sul e Europa.

1.2.1 Graffiti no Brasil

No Brasil os pioneiros do graffiti são Alex Vallauri, Waldemar Zaidler, Carlos Matuck e John Howard, que desde o início de 1980 já participavam de exposições em galerias de arte.

O artista Alex Vallauri um Italo-Etiópe estudou na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) onde também foi professor, chegou ao Brasil vindo

de Buenos Aires em 1964 e foi o principal precursor do graffiti no Brasil. Seus graffitis registravam mulheres em trajes de banho no Porto de Santos.

Seus primeiros graffitis eram desenhos de uma bota, depois foram incorporadas luvas, óculos escuros, biquíni de bolinhas e por fim a imagem de uma mulher. Segundo o relato de Gitahy (1999), esse movimento misterioso de compor aos poucos a obra era instigante para os que esperavam para ver o próximo passo do artista.

Alex Vallauri faleceu em 26 de março de 1987 e seus amigos resolveram marcar essa passagem com uma homenagem que aconteceu no dia seguinte da sua morte, grafitaram então o túnel da Avenida Paulista. Desde então o dia 27 de março é marcado por intervenções em São Paulo consagrando esse dia como o Dia Nacional do Graffiti.

O graffiti no Brasil foi introduzido ao movimento Hip Hop em São Paulo, que já integravam o break, rap e o Mestre de Cerimonia (MC) ⁵. Os encontros aconteciam na estação São Bento do metrô, onde se reuniam DJ Hum⁶, Thaíde assim como outros pioneiros do rap. Participavam também os Gêmeos Gustavo e Otavio, Nina Pandolfo, dona Margarida mãe dos gêmeos e Renato Del Kid.

Gitahy (1999, p.56) conta que o crítico de arte, repórter e também fotógrafo Enio Massei, conhecedor de graffiti pelo mundo, ficou impressionado com os graffitis de São Paulo e disse: “São Paulo tem o privilegio de ser a única cidade do mundo de uma coerência linguística como homogeneidade que não se encontra nem mesmo em Nova York. Conheço todas as capitais do mundo e posso garantir que São Paulo é o centro de graffiti ocidental”.

Do graffiti contemporâneo podemos destacar os Gêmeos, Nina Pandolfo, Eduardo Kobra, Crânio, Nunca, Speto, etc. O fato é que o graffiti se tornou importante por sua identidade ideológica, mas também é a forma de gerar renda (a informação “gerar renda” tem pouca relação com o resto da frase, sugiro), onde seus precursores encontram uma forma agradável de

⁵ Rapper ou cantor desse estilo musical

⁶ Disk Jockey (DJ) é o responsável pela melodia de uma musica de rap

transmitir seu sentimento por meio das intervenções/exposições e também realizar a inclusão social em oficinas de graffiti para crianças, jovens e adultos. Como dito na musica do Rapper Sabotage intitulada Um Bom Lugar: “O graffiti na parede já defende algum direito”.

O estilo americano de graffiti começou a ser realizado pelo Gêmeos, Speto, Binho, Tinho em 1989. O uso do spray facilitava o delinear da imagem e letras, porem o padrão das latas e bicos fizeram com que buscassem outras alternativas para aprimorar suas intervenções, e vieram também a utilização do compressor, substituindo o spray.

O graffiti não se restringe apenas ao universo masculino, veremos agora a contribuição das mulheres para o crescimento desta expressão de arte.

1.2.2 Destaque Feminino na Cena do Graffiti

Acreditamos que seja importante destacar o papel feminino no universo do graffiti, pois como vimos até aqui muitos homens foram citados, mas onde estão às mulheres da historia do graffiti? O graffiti também tem um papel na vida da mulher?

Historicamente a mulher foi marcada pela desigualdade de gênero, foi afastada do âmbito da comunidade ou qualquer espaço publico em prol da família, foi estabelecido que o lugar dela não era na rua, sua atuação era restrita a casa e aos afazeres domésticos, gestando bebes ou cuidando dos filhos e maridos.

Com as mudanças no mundo do capital onde cada vez mais se torna necessário que mais de um membro da família trabalhe e contribua com as despesas da casa, e na ausência do marido, isto é, com o grande numero de famílias monoparentais, principalmente formadas por mulheres, esta se passa a ter maior inserção na cena urbana e no mercado de trabalho, mas isso não garantiu a ela a igualdade salarial, ou de tratamento como um ser dotado de direitos, pois até hoje podemos perceber que os cargos e salários das

mulheres ainda são inferiores mesmo exercendo atividades masculinas tão bem quanto os homens⁷.

No graffiti também encontraram dificuldades, pois existe o estigma de sexo frágil. Ele induz muitos homens a terem preconceito por achar que não são capazes.

O graffiti representa para essas mulheres a afirmação de sua identidade de gênero e raça e seus direitos como pessoa, é um ato libertário.

Mas para desmistificar a questão de “sexo frágil” citaremos aqui algumas das mulheres na cena do graffiti.

Piesco (2014) destaca do Brasil as grafiteiras: Magrela que é conhecida por retratar mulheres com formas distorcidas e tristes, Tikka desenha bonecas com olhos grandes e tristes e diz que percebe o preconceito por andar suja de tinta e por não acharem comum uma mulher desenhar nas paredes da cidade. Minhau é conhecida por desenhar gatos de todos os tipos e cores. Minhau iniciou o graffiti ao lado do marido Chivitz e assim continuam, é possível ver pela cidade de São Paulo o graffiti dos dois com frases do tipo “fazendo amor com ela” (onde refere-se à arte do graffiti como amor, ou quando o graffiti é realizado em espaço de educação usam frases do tipo “só o conhecimento liberta”).

A Negahamburger registra a mulher na forma real sem a maquiagem e padrões estabelecidos pela sociedade ela traz a questão da afirmação da beleza como algo natural da mulher. A artista também realiza retrato de mulheres nuas por encomendas e recentemente lançou um livro intitulado Beleza Real. Outras artistas brasileiras de graffiti são: Sinhá, Panmela Castro, Tainá Índia etc.

Em New Iorque (PIESCO, 2014) podemos destacar a grafiteira pioneira Lady Pink que iniciou seus graffitis no metrô da cidade e hoje são conhecidos mundialmente. Outras estrangeiras do graffiti são: Jana da dupla Jana & JS (França), Faith47 (África do Sul), Malina Suliman (Paquistão) etc.

⁷ Segundo a pesquisa do Banco Interamericano de Desenvolvimento de 2012 a diferença de salários entre homens e mulheres da mesma idade e do mesmo nível de educação, é de 17% a mais para os homens do que as mulheres na América Latina

Acabamos de verificar a importância da figura feminina no graffiti que mesmo de maneira reduzida, ela exerce grande influencia na cena do graffiti na sociedade. Veremos a seguir uma contextualização do graffiti na região do Grajaú partindo de entrevistas com duas figuras atuantes no Grajaú.

1.2.3 O Graffiti no Distrito do Grajaú

O graffiti no Grajaú surgiu na década de 90, quando alguns jovens saíram do âmbito da pichação e começaram a grafitar, é difícil mensurar exatamente quem foi o pioneiro, mas segundo relatos de grafiteiros da região, os primeiros a ter visibilidade com graffiti no Grajaú foram as Crew Afro e Niggaz do Jardim Eliana, Wlamir da Crew Zumbi e Enivo, que na época era pré-adolescente e sua mãe não o deixava participar muito das intervenções na rua. Depois os grupos se desfizeram e apenas o Alexandre da Crew Nigaz e o Jerry da Crew Afro e Enivo prosseguiram com o graffiti na região (informação verbal) ⁸.

O grafiteiro Jerry relatou que desde pequeno pintava carteiras escolares, costumava desenhar seus professores e fazia também desenhos relacionados à fome. Nesta época viu pela primeira vez um graffiti sendo feito, ficou encantado e percebeu que poderia expandir o número de pessoas atingidas pela mensagem que queria passar. Conversou com alguns amigos e criaram a Crew Afro.

O nome Afro se deu por causa da música do Thaíde e DJ Hum “Afro brasileiro”⁹, mais ou menos um mês depois surgiu a Crew Niggaz. Entre estes dois grupos havia amigos em comum e foi quando o Jerry conheceu o Alexandre. Com os esvaziamentos das duas Crews o Jerry e o Alexandre, que depois ficou conhecido como Niggaz, continuaram as intervenções. Em 1998 conheceram um jornalista chamado Eduardo que os incentivou para que eles

⁸ Depoimento registrado pela autora, intitulado “Pioneiros dos graffiti no Grajaú”.

⁹ A musica fala da resistência da população negra frente a escravidão representada na figura de Zumbi.

criassem um jornal sobre graffiti, então surgiu o Grafitari que teve apenas uma edição.

A partir daí buscaram aperfeiçoar as técnicas de graffiti e conheceram a Organização Não Governamental (ONG) Aprendiz que já trabalhava a arte na perspectiva de cidadania, e cada vez que saíam do Grajaú para ter aulas tomavam conhecimento da cidade. Através da ONG perceberam que poderiam ser profissionais e ganhar dinheiro.

Depois com o conhecimento adquirido começaram a dar aulas de graffiti, segundo o grafiteiro Jerry, sempre se preocuparam em contar a história do graffiti no mundo, realizaram pesquisas na época para ter propriedade na fala e resgatar sua gênese para que não ficasse a ideia de que o graffiti é uma ferramenta de ganhar dinheiro, mas de cidadania e participação. Jerry destacou que para ser um grafiteiro é preciso primeiro: pintar com spray, fazer Tag¹⁰, pintar letra, fazer desenho, pintar muros ilegais e passar a história para frente.

Em 2003 o Alexandre da Hora (Niggaz) veio a falecer com apenas 21 anos de idade. Niggaz influenciou muitos jovens da periferia e sua morte fortaleceu os laços entre os grafiteiros do distrito do Grajaú, no ano seguinte de sua morte resolveram homenagear o amigo que tanto contribuiu para a liberdade de expressão através da arte. Então desde 2004 vem acontecendo o Encontro Niggaz no distrito, no mês de Maio e a cada encontro surgem novos grafiteiros e também a interação com outros artistas de outros lugares da cidade de São Paulo, de outros estados e do mundo. No dia 29 de Outubro de 2014 foi finalizada a homenagem ao Niggaz figura (1), no muro no Beco do Batman localizado na Vila Madalena, bairro que respira graffiti e que foi muito frequentado pelo Niggaz onde os amigos Jerry Batista, Enivo e Highraff reproduziram um graffiti do Niggaz publicado na revista O Livro Negro do graffiti figura (2).

¹⁰ Termo usado para a assinatura do grafiteiro.



Figura1

Fonte: Foto por Jerry Batista, publicada no Facebook, Outubro/2014.

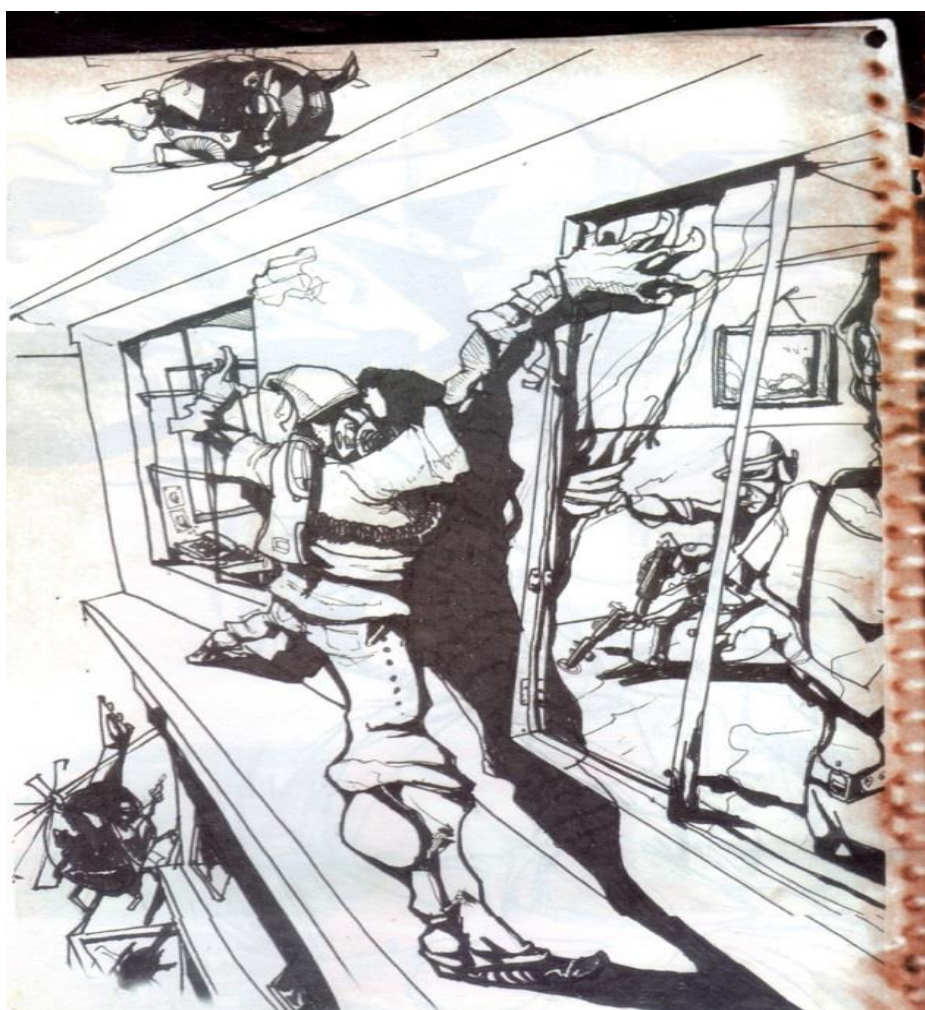


Figura 2

Fonte: Revista O livro negro do graffiti, Ano 1 N°10 da Editora Escala.

1.3 Graffiti x Pichação

Ao dissertar sobre graffiti se faz relevante falar também da pichação, porque o graffiti tem sua gênese na pichação.

O graffiti tem ligação direta com a pichação, pois a maioria dos grafiteiros iniciou no graffiti após passar pela fase da pichação, Gitahy afirma que “o graffiti e a pichação utilizam os mesmos materiais (tintas spray), são realizadas em locais públicos, subvertem valores, são efêmeros, mas o que os diferencia é que o graffiti advém das artes plásticas e privilegia a imagem e a pichação vem da escrita e contempla a palavra ou letra”. (GITAHY, 1999, p.19)

Gitahy (1999) disserta sobre o uso da pichação em outras épocas, fala do uso dessa forma de intervenção na cidade de Pompeia 79 D.C. Na idade média, época em que as bruxas foram perseguidas pela inquisição, a pichação das paredes dos conventos de outras ordens não eram consideradas bem vistas e era comum pinchar pessoas picharem a casa de outros a quem queria denegrir.

Pimentel (1999) acredita que o pioneiro da pichação/graffiti tenha sido o pichador “Taki 183” (Taki que com os pseudônimos de Demétrius e 183, por fazer referencia ao numero de sua casa, na década de 70 espalhou sua Tag por toda a cidade de Nova Iorque iniciando uma verdadeira guerra por demarcação de território). Então a Tag foi empregada por grupos de jovens do gueto que a utilizavam como se fosse um código, então o DJ kid percebeu a necessidade de introduzir um desenho a Tag, mas nesse mesmo período o grafiteiro Phase 2, criou painéis coloridos e foi reconhecido como o criador do graffiti.

No final da década de 60 o graffiti foi incorporado a manifestações de estudantes em Paris e exteriorizou nas paredes o que haviam gritado nas ruas, confrontavam o regime e lutavam por causas sociais. Em Nova Iorque na década de 70 não se distinguia um do outro, portanto o nome era um só, graffiti.

A pichação não tem intenção de agradar e nem trazer beleza aos locais de intervenções, apesar de utilizar os mesmos materiais e espaço diferem em suas formas porque a pichação concentrasse apenas na escrita, autoafirmação, escrever o próprio nome ou de sua Crew (grupo), frases de protestos contra o governo e o capitalismo, frases de amor ou poesia independente da autorização do “dono” do local ao que quer riscar.

Já o graffiti difere-se pelo aprimoramento de técnicas, estudo de outras artes e uso de desenhos, esta mais ligado a artes plásticas do que a escritas e geralmente tem autorização do dono do local para realizar as intervenções, no entanto os dois são realizados em espaços públicos.

Aos pichadores interessa mais o ato, o rito, o aparecer, o transgredir, e menos o processo criador. A eles o resultado estético não é só secundário, como chega, em alguns casos (como nos rabiscos e palavrões), a ser algo a ser desafiado; já que, com uma estética dissonante que busca o rabisco, o sujo, mais se transgrede os padrões da cultura, e, logo, mais se chama atenção sobre si e sobre o trabalho. (RAMOS, 1994, p.49)

A pichação é a fase de autoafirmação, construção da identidade libertaria do rapaz ou moça de periferia que sem visibilidade quer chamar atenção dos demais, é um grito pra dizer à sociedade que existem, só que em letras garrafais nos prédios da cidade, postes, fachadas de comércio, igreja, garagens etc. ao mesmo tempo em que sente a adrenalina de cometer um ato considerado ilícito, pois a pichação é um ato ilegal a Lei 9.605/1998, conforme dispõe a Lei nº 9.605 de 12 de Fevereiro de 1998:

Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências.

Art. 65. Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011).

Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa. (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011).

§ 1º Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a

pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa. (Renumerado do parágrafo único pela Lei nº 12.408, de 2011).

§ 2º Não constitui crime a prática de graffiti realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional. (Incluído pela Lei nº 12.408, de 2011).

Em seu artigo “Graffiti & pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte”, Ramos (1998) expõe que “os dominantes na ânsia de eliminar a crítica a seu sistema determina a retirada das intervenções nos espaços público, e cita o exemplo do governo de Jânio Quadros que em nome da limpeza pública deu ordem para a retirada das intervenções urbanas que era na verdade censuradas por seu conteúdo ideológico, já as campanhas publicitárias permaneciam”. (RAMOS, 1998.p.2)

Gitahy (1999) também comenta sobre a perseguição aos pichadores no governo de Jânio Quadros em São Paulo, mandando apagar as pichações de Junecca Pessoinha que depois de deixar inúmeras marcas em São Paulo e em outros estados teria ido também até Brasília pichar o Palácio do Planalto e por fim se interessou pelo graffiti chegando à faculdade para estudar artes plásticas.

Um exemplo atual dessa censura vivenciada pelo artista grafiteiro são os Gêmeos Gustavo e Otavio Pandolfo, A Prefeitura de São Paulo apagou e continua a apagar os graffitis dos mesmos, incomodados com a situação resolveram que cada vez que apagassem os graffitis eles retornariam e fariam outros no mesmo local, então os graffitis ganharam frases direcionadas ao prefeito da cidade, questionando porque o dinheiro usado para apagar os graffitis não é usado para a saúde, educação e valorização da cultura, conforme figura (1), então depois de muita guerra de spray e tinta os gêmeos foram convidados para uma conversa com o prefeito para verificar qual a melhor forma de resolver a situação. Apesar do reconhecimento mundial da arte dos gêmeos aqui em sua própria casa são marginalizados. Essa questão

da prefeitura apagar os graffitis gerou um filme chamado “*Cidade cinza*” dos diretores Marcelo Mesquita e Guilherme Valiengo.

Com décadas de existência, o graffiti dentro da arte urbana já é reconhecido e ocupa lugar de destaque em galerias de arte¹¹ (ver figura 3), porém é comum ver em nossa sociedade o estigma marginal a esta intervenção cultural e os artistas que a produzem.



Debatepapo 27 de março/15
Centro Cultural de São Paulo

Cartograffiti - Legalidade e Legitimidade, no Centro Cultural São Paulo
 O encontro, que vai debater o cenário atual do movimento do graffiti na cidade de São Paulo, se desenvolverá a partir da provocação e discussão de dois vídeos, um sobre o processo do projeto e outro da intervenção na Av. 23 de maio.
 O debatepapo integra atividades de comemoração do Dia do Graffiti (27/03), organizado há 12 anos pela Ação Educativa.

convidados
Mauro, idealizador do Imagem e do projeto Cartograffiti
Alexandre Pereira, antropólogo
Marcus Vinicius, o Enivo, artista
Celso Gitahy, artista e autor do livro “O que é o Graffiti”
Rodrigo Medeiros, coordenador de arte e cultura pelo projeto Arte na Casa e do evento Dia do Graffiti da Ação Educativa
Valéria Lopes, educadora, que irá mediar o debatepapo

Debatepapo “Cartograffiti - Legalidade e Legitimidade” e apresentação do vídeo
 Data: 27 de março, 18h30
 Local: Centro Cultural São Paulo - Rua Vergueiro, 1000
 Informações: www.imagemdamargem.blogspot.com.br
www.facebook.com/Cartograffiti

Realização:

imagem

Apoio:

ação educativa

Centro Cultural São Paulo

PREFEITURA DE SÃO PAULO

Figura 3

Fonte: Foto por Mauro Neri, publicada no Facebook, Março/2015.

¹¹ O Centro Cultural São Paulo realizou no mês de março de 2015 a exposição “Cartograffiti – legalidade e legitimidade que cominou em um debate no dia 27 de março (dia nacional do graffiti) e de 27 de março de 2015 até 28 de junho de 2015 Alex Alex – Intervenção artística de Guto Lacaz no talude, homenageando o artista Alex Vallauri, precursor do graffiti no Brasil.

1.4 Estigma de Marginal

O grafiteiro por sua identidade sempre será associado à marginalidade, o fato de os espaços estarem ligados à questão de propriedade sempre fara com que o grafiteiro tenha o estigma de marginal porque nem sempre é solicitada a autorização para realizar as intervenções.

Segundo Bacelar (2002) o graffiti esta associado à marginalidade por ter sua origem nos guetos de New York e por ter vindo das ruas não sendo possível levar para dentro de uma galeria as intervenções realizadas em uma parede de um prédio ou pilares de um viaduto, o graffiti é marcado por se opor ao sistema capitalista e ao autoritarismo, por registrar nas ruas as expressões da Questão Social, o grafiteiro não se encaixa a padrões da sociedade, vem para quebrar tabus e mostrar que o que vem das ruas é tão legitimo quanto ao que se aprende nas escolas de arte, a arte que ele produz vem da estética do local que vive.

2 CAPITULO II – A INCLUSÃO SOCIAL

2.1 Inclusão Social

Este trabalho tem entre outros o objetivo de descrever de que forma acontece a inclusão social através da arte do graffiti na região do Grajaú. Para tanto se faz necessário entender oque é inclusão social.

Trata-se de um tema bastante discutido na mídia, porém o amplo uso do termo não significa que todos tem a mesma compreensão.

Mota em sua tese (2007) apresenta diversos autores que discutem o tema, como Sasaki (1997) que trás a inclusão social como uma mudança de sociedade, não de individuo. A sociedade deve se adaptar para entender e

incluir o cidadão, para que este possa assumir seu papel na sociedade. Trata-se de um processo que demanda tempo e uma ruptura de paradigmas já estabelecidos nesta sociedade.

A autora continua apresentando suas ideias tratando do tema partindo da ótica da exclusão social, apresentando contrapontos de entendimentos do termo, como falta de acesso a bens de consumo e bens culturais, teatros, parques. A dificuldade de definir a exclusão vem do fato de a mesma não ser ou possuir uma única face, trata-se de um processo complexo derivado de uma sociedade dinâmica. Tanto a falta de acesso a bens de consumo quanto culturais são “processos sócias excludentes” (Mota, 2007, p.50).

As raízes da exclusão segundo a autora advêm da logica capitalista de nossa sociedade, onde a exclusão é uma ferramenta. A sociedade marginaliza o individuo, para inclui-lo dentro de suas regras, utilizando a logica do mercado. Por este motivo, é necessário conhecer que tipo de inclusão esta sendo proposta nas ações de um assistente social ou em um projeto social, pois “Incluir no plano econômico não significa estar incluído no plano social”.

A responsabilidade da promoção da inclusão social é do Estado e a politica de Assistência Social fundamental para este enfrentamento, pois existe para garantir direitos e promover melhores situações de subsistência da população, sobre tudo da parcela mais vulnerável.

Castel (2010) também aborda o tema, mas critica o uso indiscriminado do mesmo. O autor inicia sua justificativa para desconfiar do termo por sua imprecisão.

Não só no Brasil, mas na França, como apresenta o autor, o termo é utilizado para abordar situações diferentes. Tanto um ex-trabalhador que não participa mais do universo do trabalho devido à indisposição do mercado em contrata-lo devido a sua idade, quanto jovens que vagam pelas ruas e nunca possuíram um trabalho formal, são rotulados como excluídos.

No primeiro exemplo, o sujeito se volta à esfera particular de sua vida, passando seus dias dentro de casa sem qualquer tipo de projeto. Já no

segundo, a esfera privada não oferece nenhum atrativo a jovens que atribuem ao acaso seus projetos de vida.

Os exemplos trazem indivíduos de trajetórias diferentes, assim como o modo como interagem com o mundo e perspectivas de futuro. O autor questiona a “vantagem” em rotula-los como excluídos, pois estas situações são consequências de causas diferentes.

Procedendo desta forma, corre-se o risco de “economizar-se a necessidade de se interrogar sobre as dinâmicas sociais globais responsáveis pelos desequilíbrios atuais” (Castel 2010), isto é, corre-se o risco de deixar de investigar as causas e estudar suas consequências.

Outro risco encontra-se voltado para o campo das ações, considerar que existe o cidadão incluído e o cidadão excluído e partindo desta divisão elaborar políticas para estes dois públicos de forma descompassada, cria-se a possibilidade de que as conquistas dos incluídos sejam pagas pela anulação de outra parcela da sociedade, produzindo novos excluídos.

Mello (2007) retrata a questão da inclusão social como um processo de quebra de barreiras e estigmas de grupos socialmente marginalizados, mas diferente do exemplo de Castel consideram que os excluídos são grupos e pessoas e que estes são excluídos por suas características, questões como diversidade étnica, sexual, religiosa e portadores de deficiência, são estes os atingidos pela questão social e suas expressões.

Para que aconteça a inclusão social é necessário que se alcance a equidade que é a capacidade de reconhecer a imparcialidade referente à garantia de direitos, levando em consideração a subjetividade de cada pessoa, capacitando-as para exercer o papel de cidadão de direito, assim como trás Sasaki (1977) a sociedade deve estar apta para receber esses indivíduos e não o individuo que deve adaptar-se as diferenças da sociedade que o faz excluído.

Trata-se de assegurar igualdade de oportunidades e não de estabelecer privilégios. Por isso, pensar uma sociedade para

todos, na qual se respeita a diversidade da raça humana, é alicerçar a crença de que todas as pessoas têm direito à participação ativa nas relações sociais. A inclusão é para todos porque somos diferentes, (Mello et al. 2007 pag. 3481).

2.2 Inclusão Social Pelo Graffiti

Acreditar na inclusão social pelo graffiti é pensar na capacidade que essa arte tem de trazer reflexão sobre as condições de desigualdades e fortalecimento desse indivíduo que se vê a margem da sociedade. Pode ser usado como ferramenta de inclusão social em oficinas de graffiti.

Neste espaço há a oportunidade de se discutir vários temas relacionados ao grupo a quem se propõe trabalhar. Por exemplo, pode-se discutir a questão de gênero, como já vimos na contextualização desse trabalho, mesmo exercendo os mesmos papéis que os homens, realizando dupla ou mais jornadas diárias, as mulheres ainda recebem salários menores, sofrem violência e tem pouca participação na sociedade, até mesmo dentro do graffiti há poucas artistas plásticas.

Com essa ferramenta podemos discutir qualquer expressão da questão social. O graffiti tem a facilidade de reunir pessoas em prol da comunidade, trás a valorização dos bairros ressaltando o que a comunidade tem de melhor, que são as pessoas e no momento que indivíduos de bairros vizinhos se encontram para realizar uma intervenção urbana e conseguem perceber que os problemas dos bairros são parecidos ou são de universos totalmente diferentes.

O graffiti é um poderoso canal de comunicação, uma oportunidade de democratizar a informações e expor as mazelas vividas ou vistas pelos artistas que se utilizam desta ferramenta.

Grande canal de comunicação, sem conexão com fibra ótica ou cabo elétrico, mas conectado diretamente com a cidade, com o público, com o aqui e agora, os graffitis criados nos “undeground” das cidades levaram o ocidente a presenciar pública e anonimamente o questionamento de muitos de seus

valores estabelecidos, entre eles o da ocupação dos espaços da cidade e o da apresentação e valorização da Arte. Se uma nova forma de política emerge desse contexto, com ela uma nova forma de comunicação e de arte. (RAMOS, 1998, p. 8)

Tratamos aqui de artistas da periferia, com conhecimentos inquietações que encontraram na ferramenta do graffiti forma de dar visibilidade a aquilo que acham importante, informações opiniões e discussões sobre um local que poucas vezes é representado em outros canais de comunicação.

3 Capítulo III – Aspectos Metodológicos e Resultados

3.1 Campo de Pesquisa

A pesquisa foi realizada no distrito do Grajaú por ser um local onde se concentra uma grande quantidade de grafiteiros e intervenções artísticas/urbanas, porém faz-se necessário compreender a intenção do grafiteiro ao projetar a arte nos muros deste distrito.

Entendendo que o graffiti, entre outras características, é um veículo de comunicação, torna-se também necessário analisar como os moradores do distrito do Grajaú percebem estas manifestações e interagem com as mesmas.

Dentre os grupos que desenvolvem intervenções artísticas através do graffiti existentes no distrito do Grajaú, buscou-se selecionar para pesquisa aquele que possui maior relação com a comunidade, assim como representatividade também fora dela.

3.2 Sobre o Coletivo Imargem

O campo de pesquisa escolhido para entrevistar os grafiteiros foi o Projeto Coletivo IMARGEM, pois o mesmo reúne arte, convivência e meio

ambiente como forma de intervenção multidisciplinar no enfrentamento ao isolamento das comunidades do distrito do Grajaú que estão às margens da represa Billings.

As ações do coletivo têm como objetivo a inclusão social, reconhecimento do território como espaço de convivência e discussão, ampliar o olhar para a questão do meio ambiente, do crescimento desordenado e demais causas que levam ao aumento das expressões da questão social.

O projeto IMARGEM compreende que para realizar as intervenções no território deve-se levar em consideração a paisagem local, a falta de assistência do poder público, o isolamento dos bairros, a preservação ambiental e a relação cultural que os moradores têm com o território.

3.3 Metodologia

Realizamos levantamento bibliográfico para compreender a história da graffiti no mundo e na comunidade, contextualiza-lo como ferramenta para inclusão ao dar voz e participação no meio urbano a seus membros, suas contradições ao ser confundido como prática ilegal ou não ter ampla participação do público feminino.

Para satisfazer os objetivos deste trabalho, foi necessário o uso da pesquisa qualitativo-quantitativa, uma vez que é impraticável realizar uma pesquisa quantitativa tendo como objetivo conhecer a subjetividade e intencionalidade do grafiteiro, assim como seria extremamente trabalhoso proceder com formulários de questões abertas tendo como objetivo conhecer a opinião de moradores deste distrito.

A pesquisa qualitativa se diferencia da quantitativa por responder questões mais particulares pelo contato direto com as pessoas que estão sendo pesquisadas, pelo diálogo direto considerando a subjetividade do público alvo da pesquisa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seus semelhantes. (MINAYO, 1993, p.21).

O momento da realização das entrevistas foi uma oportunidade de aproximação do pesquisador com os sujeitos pesquisados no local que estão inseridos, permitindo que eles se revelassem.

A identificação da estrutura social da população implica descobrir as diferenças sociais de seus membros, as posições dos grupos e também os conflitos entre estes últimos. Esse é um aspecto importante da pesquisa participante, que a distingue dos tradicionais “estudos de comunidade”. Enquanto estes tendem a encarar os indivíduos como participantes de grupamentos relativamente homogêneos, a pesquisa participante deseja colocar-se a serviço dos oprimidos e necessita identificar com clareza quem são eles no âmbito de uma comunidade. (GIL, 2010, p150).

3.4 Aplicação da Metodologia

3.4.1 Grafiteiros

Foram realizadas Entrevistas semi-estruturadas com quatro (4) grafiteiros do coletivo IMARGEM com um roteiro de questões abertas no espaço em que o coletivo esta inserido, pois esse tipo de entrevista possibilita o levantamento de dados de uma forma mais precisa, onde o entrevistado pode relatar sobre sua vivencia, crença e valores de forma confortável, deixando o pesquisado se expressar livremente, mas sem fugir da temática. Para tanto

será utilizado recursos que facilitaram a coleta de dados tais como gravador de voz, roteiro de perguntas, câmera para foto e filmagem, diário de campo.

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2011p. 109)

3.4.2 Moradores

Para levantar dados relevantes sobre o conhecimento que os moradores do distrito do Grajaú têm sobre graffiti realizamos o método de pesquisa quantitativa, aplicamos questionário com 50 pessoas abrangendo pessoas de dos bairros do Grajaú para saber se conhecem o graffiti, se acreditam que o graffiti é um ferramenta de inclusão social, se sabem a diferença entre graffiti e pichação etc.

Pode-se definir questionário como técnicas de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamentos presente ou passado etc. (GIL, 2011p. 121).

3.5 Resultados

3.5.1 Graffiti E Inclusão, Mas Como Isso Acontece?

A imprecisão do termo inclusão social, assim como nos textos apresentados, aparece nas falas dos entrevistados. O termo inclusão social,

apesar de ser aceito pelos grafiteiros, seja concordando com a incidência da inclusão pelo graffiti, como traz o Grafiteiro 2¹² “eu super considero, mas é mais que isso. A gente até prefere usar a conotação de não só social, parece que a conotação social parece um pouco “demodê””, seja discordando de seu uso como consta na declaração do Grafiteiro 4, “me incomoda um pouco esse negocio de inclusão social, o termo, né? Me parece que ele está um pouco estigmatizado...”.

Como vimos nas leituras de Mota (2007) o termo é comumente utilizado, porem sem uniformidade de definição, causando uma imprecisão muitas vezes e dando vazão para varias interpretações. Na interpretação do Grafiteiro 2 o trabalho com o graffiti vai além do social ao ponto que “a gente acredita que faz um tipo de uma manifestação politica, sabe? Além de partidária, a gente analisa os partidos também, a gente percebe como a organização, sabe? De um tempo pra cá uns são vermelhos, outros são azuis, ou você está de um lado ou está de outro, e a ferramenta democrática que é o graffiti tem muito a haver com esse movimento jovem, esse movimento marginal, tem uma grande capacidade politica, conotação politica, né? Social e é bacana, a gente tem consciência disso e incentivar, promover politicas pra que isso aconteça cada vez mais e de mais jeito. Então a gente acredita muito nisso e colabora para que isso aconteça. É a ferramenta que a gente acredita”.

Por considerar o graffiti como um mecanismo de integração entre diferentes elementos da sociedade, sendo estes de lugares e classes sociais diferentes, o Grafiteiro 3 considera o graffiti como forma de inclusão e explicita na fala “sim, bastante até, eu sei que na África do Sul o Skate é o único elemento do esporte e a cultura que consegue unir brancos e negros. O graffiti eu vejo que é uma ferramenta muito forte por que ele também faz isso aqui em São Paulo [...] ele une bairros, pessoas de um bairro, pessoas de outro, une também pessoas da periferia com pessoas de regiões mais centrais, então eu vejo como uma grande inclusão sim, tanto pra quem esta fazendo quanto pra quem esta assistindo, que pode chegar e se aproximar e quebrar vários tabus

¹² Optamos por denominar os entrevistados como Grafiteiros para preservar a identidade dos mesmos, pois o objetivo deste trabalho é conhecer como a ferramenta do graffiti pode incidir em inclusão social, não expor participantes do coletivo entrevistado.

[...] as pessoas dos bairros se encontram pra pintar um muro, então são varias pessoas em vários lugares, que não se conheciam antes começaram se conhecer a partir do graffiti e naquele momento se junta pra embelezar, restaurar, ou passa uma mensagem para a comunidade”.

Mesmo entendendo como estigmatizado o termo inclusão social, o Grafiteiro 4 acredita que esta pode sim acontecer por meio o graffiti “[...] de inclusão, ela acontece quando você tem pertencimento. Quando você se sente pertencente a tal questão, você passa a se sentir incluído. Eu acho que esse contexto o graffiti trás pertencimento de uma cultura, você se enxerga enquanto ser produtivo de arte e cultura e ai você começa a estar incluído também, nas perspectivas diretas.”.

Pertencimento é o grande conceito apresentado na fala do Grafiteiro 4, fazer parte de um grupo, comunidade, cultura pode levar o individuo ao papel de protagonista, sujeito, um individuo capaz de propor, agir e transformar a realidade a qual está inserido.

3.5.2 Graffiti e Cultura

Analisando os dados do observatório que se apropria das informações produzidas pela SMC e MINC, no texto do presente trabalho intitulado Historia do Distrito Grajaú, pode-se afirmar que o Grajaú é carente de equipamentos de cultura e lazer, este fato é percebido pelos moradores e esta presente na fala do Grafiteiro 1 “[...]o Grajaú é um lugar que assim tem muita carência de espaços culturais e acho que o graffiti e a pichação é uma cultura, os jovens, assim, as pessoas que passam ali elas digerem essa informação, elas estão atentas ao que está sendo transposto ali no muro.”

O graffiti surgiria como uma alternativa a essa escassez de opções culturais, ainda segundo o Grafiteiro 1 quando perguntado sobre a pratica o graffiti no distrito o Grajaú “[...] a partir do momento que a gente tá interagindo

com os graffitis, com os manifestos. [...] as pessoas que moram ali, elas estão consumindo arte, estão consumindo mesmo que efêmera e que dure pouco tempo, esta ali, elas estão tirando algo daquilo e com certeza esta, as vezes não fala por que é tímida, mas algo esta acontecendo, elas estão vendo, esta repercutindo nela, ela só não faz ideia disso, acho que é muito importante é importantíssimo.”

Por meio desta linguagem é possível transmitir a história, os valores que carregam os membros deste movimento. O Grafiteiro 4 faz esta associação em sua fala “Eu acho que a questão do graffiti trás varias referencias das nossas matrizes históricas, seja matrizes africanas, indígenas, dos nossos valores, acho que estão embutidos na cultura do graffiti ou na cultura urbana, na cultura hip hop, nas culturas, principalmente de matrizes africanas, na oralidade, isso também está muito forte quando a gente passa a contar história e ouvir história dos mais velhos também, isso também trás pertencimento, então a pessoa começa também a sentir que é possível”.

Nos muros da cidade estão registradas estas histórias, assim como podemos ver na fala de Gitahy (1999), que traz o graffiti como uma ferramenta usada para registrar os “símbolos que contextualizavam a época”.

Para o Grafiteiro 2, o graffiti pode ser utilizado da mesma forma que a educação artística aparece na educação formal, como inclusive já acontece em escolas do município e até na Fundação Casa. “[...] A gente acredita na arte como uma ferramenta de educação, uma ferramenta didática e com esse potencial super de... como já é usado às instituições de educação acreditam já nessa ferramenta do graffiti como ferramenta de artes plásticas, educação artística”.

O mesmo afirma novamente que o graffiti “é didático, educacional, tenta ser sustentável e precisa também é uma atividade jovem e de arte, então precisa... Há necessidade de ser altamente critica, altamente qualificada, então a gente também se intitula, se autodenomina autoridades, legitimidades estéticas” Não se trata apenas de desenhos, riscos, estes são ferramentas para, como já afirmaram os entrevistados, um caminho politico, afirmativo que

exige de seus representantes capacitação e compromisso com a história do graffiti e suas raízes étnico culturais.

Num primeiro momento, o graffiti agiu como agente de integração a uma cultura, gerando pertencimento de seus participantes, hoje alguns artistas encontram-se em um patamar para se intitular autoridades.

3.5.3 Graffiti e Participação na Cidade

Outro ganho que apareceu nas falas dos entrevistados a partir da vivência dentro da cultura do graffiti é a oportunidade de conhecer novos espaços (principalmente) dentro da mesma cidade, a apropriação de outros bairros pelos grafiteiros. Segundo o Grafiteiro 1 “Acho que a gente tem que tomar consciência do quanto à gente pode interagir com a cidade não só pelo graffiti, mas o graffiti [...] abre portas para você perceber outra coisa do meio que você vive, por onde você tá passando, o que você tá vivenciando nessa cidade, tudo.”.

O Grafiteiro 3 explica por que e como isso se dá em sua fala: “você precisa sair do seu bairro pra poder ser conhecido, você precisa pintar em outros bairros, isso fez com que eu saísse daqui e fosse mais para a região central de São Paulo, então isso foi muito importante para não ficar só no bairro... olhar novos olhares, ampliar as perspectivas, tanto de trabalho quanto mental mesmo, e uma coisa que foi muito importante foi uma quebra de tabus, que como eu cresci aqui, eu tinha muito essa coisa de pobre, rico, essas coisas. Quando eu comecei a pintar mais na região central, eu conheci algumas pessoas que tinha uma condição melhor, tinha toda uma estrutura e essas pessoas foram muito legais com a gente, então isso fez eu quebrar meu preconceito, quebrar um tabu e entender que existe pessoas boas, pessoas ruins em qualquer área, em qualquer situação social, isso vai muito mais de índole, de caráter de uma pessoa, daquilo que ela aprende na casa dela do que necessariamente do que ela tem ou não tem, então o fato de ser recebido

na casa do meu amigo Paulo Ítalo na Vila Madalena, dormi lá, me receber bem, a mãe dele me receber bem, fez com que eu quebrasse um pouco essa visão.”

Este contato propicia novos aprendizados, tanto do espaço da cidade quanto dos próprios grafiteiros. Cada qual da sua forma traz o crescimento que este contato lhes trouxe. Podemos acompanhar mais um exemplo na fala do Grafiteiro 2:

“Então a partir das bordas da cidade agente tem uma visão muito interessante do contexto todo, é como se fosse uma evolução que parte das beiradas”. Acho que a atividade do graffiti no Grajaú é realmente isso, onde São Paulo começa, [...] vindo de lá, a gente consegue perceber através da geografia como é interessante e peculiar o graffiti vindo de cada lugar.

[...]

Da cartografia da cidade, olhar os territórios, a presença nos territórios, a conquista do espaço, então esse é um grande... A gente é muito grato nesse sentido, por que isso foi muito importante pra gente. Circular pela cidade, mapear a cidade através do graffiti.”

Reafirmamos a riqueza proporcionada por este contato, à apropriação da cidade com a fala do Grafiteiro 4, por sintetizar o ganho social possível a partir da prática do graffiti “acho que principalmente em relação humana, acho que hoje minha vida é balizada pela cultura do graffiti e da arte, o fator de conviver com as pessoas, de ter que conhecer outros espaços, outras culturas, outras diversidades.”.

3.5.5 Graffiti Como Ferramenta de Comunicação

Talvez a característica mais fácil de reconhecer no graffiti é a capacidade que ele tem como ferramenta de comunicação. Para o Grafiteiro 1, este é um fator de inclusão social: “A partir do momento que a pessoa passa e

observa algo que tem uma informação, seja um desenho, seja uma pichação ou uma frase ela tá incluindo as pessoas, a interagirem, a tirar uma percepção daquilo, elas estão de certa forma dialogando, estão aprendendo, refletindo [...] sinto o graffiti como algo que aproxima muito, as pessoas estão seja lá fazendo bombing, seja fazendo letra, desenho, elas estão fazendo e interagindo com o espaço dela diante do que ela tá contribuindo também para a historia, pra gente entender oque estamos vivendo.”.

Mais uma vez, observamos o conceito da pintura como forma de contextualizar a realidade de uma época, o mesmo continua “estou provocando uma inquietação, estou passando uma mensagem que eu sinto que é clara e que as pessoas logo quando veem elas interpretam [...] talvez a mensagem que eu queira passar até tenha relação com isso que ainda somos primitivos e a gente precisa se observar mais, observar tanto o centro da cidade, quanto as margens, quanto observar o céu, observar o fundo do mar, observar tudo quanto podemos observar e tirar aprendizado disso”.

Como ganhos do contato do publico com a arte do graffiti, o Grafiteiro 1 afirma que “o graffiti é muito legitimo é uma resposta muito forte pra essa sociedade que a gente esta experienciando [...], a gente tá num lugar que instiga a gente a tá refletindo, pra gente não adormecer, não ficar ancorado ali, sabe só pensar, refletir e entender quanto à gente pode se transformar, desde de que a gente aprenda a lidar com os outros.”.

Mota (1998) também reforça o caráter comunicativo do grafite afirmando que este está “conectado diretamente com a cidade, com o publico, com o aqui e agora”, o Grafiteiro 2 afirma que por ter uma diversidade de saberes e fontes distintas produzindo o graffiti, este tem potencial para ir além, se apresentando como mídia multidisciplinar, “assim como a arquitetura, o urbanismo a própria publicidade e outras coisa, o cinema, a propaganda, muito usa essa mesma ferramenta publica e a gente acredita que audiência que tem o graffiti é uma ferramenta destas que a gente citou antes. Mídia multidisciplinar.”.

Não faz parte dos objetivos deste trabalho discutir profundamente a o que é mídia, porem esta bastante presente a questão da comunicação na visão dos grafiteiros e o alcance que esta ferramenta possui.

O Grafiteiro 3 expõe sua vontade de espalhar sua mensagem para um grande público e como o graffiti serviu para seu propósito "... a minha intenção era puramente passar minha mensagem, mostrar os meus desenhos, os meus trabalhos. Eu desenhava muito no papel, nas carteiras de sala de aula, fazia essa coisa assim... Só que aí eram poucas pessoas que conseguiam ver esse trabalho. Quando eu comecei a pintar na rua, por que eu vi um amigo chamado Faias pintando, aquilo ampliou minha mente, falei "pô, eu posso passar minha mensagem para mais pessoa". Então esse é um dos meus objetivos, usar a rua como uma ferramenta de trabalho e pra passar minhas mensagens".

3.5.6 Graffiti e Identidade

Como vimos no item 3.5.1, o Grafiteiro 4 acredita que a inclusão social pode acontecer por meio do pertencimento, identidade com o grupo ao qual faz parte. Este conceito apareceu na fala de outros entrevistados, não necessariamente ao tratar da inclusão social, mas a questão da construção de uma identidade a partir da prática do graffiti. Como trata novamente o Grafiteiro 4 "O graffiti mais do que incluir, ele trás pertencimento. Acho que a pessoa quando ela se envolve e aí não é só com o graffiti, acho que com qualquer tipo de cultura, ela se enxerga enquanto ser, ela consegue se ver enquanto uma pessoa que é, aí ela pertence. Aí quando você pertence também você se sente no direito de poder influir e incidir nessa cultura, então mais que incluir, acho que esse é um termo muito desgastado, acho que trás mais é o pertencimento".

Pode-se perceber na fala do Grafiteiro 4 o quão importante é para ele pertencer a um grupo e se identificar com uma cultura e quando o mesmo se sente pertencente se vê em condições de intervir nessa comunidade. Da mesma forma o Grafiteiro 2 refere "O fato de ter a própria, sabe, se identificar, reconhecer e ser identificado, ser reconhecido dentro de uma cena e de um movimento. Se sentir inserido num movimento é muito bom, na verdade a gente quer queira quer não tá sempre procurando mesmo alguma coisa pra se identificar. Estereótipos".

Fica evidente na fala do Grafiteiro 2 que participar de um grupo é prazeroso e que sempre estamos buscando nos encaixar em algum grupo, comunidade, movimento, quando estamos com pessoas que compartilham dos mesmos ideais ou cultura, relacionamos com a fala do Grafiteiro 4, nos sentimos fortalecidos e com poder de transformar a realidade.

Outra característica que podemos identificar é a questão da autoestima quando podemos influir em uma cultura, o Grafiteiro 1 trás claramente em sua fala “O simples prazer de tá fazendo, eu gosto... não é ego meu, mas assim, eu gosto de quando eu passo e tem um desenho meu ali, ai eu observo, lembro de quem eu sou e sabe, o prazer mesmo, é uma coisa que eu gosto de fazer, acho que o momento mais importante é sempre esse, quando eu estou desenhando passando a informação que eu quero passar”.

3.5.7 Um Olhar Diferenciado Sobre a Periferia ou um Grito de protesto Para a Sociedade

Um dos objetivos do trabalho é “conhecer a intenção dos grafiteiros ao projetar a arte nos muros”. Ao formular o projeto de pesquisa, foi elaborado o sub título pensando a intencionalidade dos grafiteiros ao intervirem na paisagem urbana.

“Um olhar diferenciado sobre a periferia” seria além da transmissão das técnicas e possibilidade de geração de renda por meio do graffiti, faz parte deste “olhar diferenciado” a visão do grafiteiro sobre a realidade que ele está inserido, como ele transmite esta realidade em seus desenhos assim como abordam o assunto em oficinas de graffiti.

“Grito de protesto para a sociedade” trata da necessidade do grafiteiro mostrar para sociedade que ele existe e que ele conhece as expressões da Questão Social e as denuncia por meio de suas intervenções urbanas.

O que foi constatado na entrevista com o Grafiteiro 2 permeia a formulação inicial do trabalho “Minha intenção é ocupar grande parte dos

espaços públicos contribuindo com uma educação de uma linguagem estética, pra cidade contemporânea falando de urbanismo. Contribuir com a paisagem da cidade, com a informação difundida na cidade e nas cidades”.

Seu desejo é difundir informação na paisagem da cidade, ocupar grande parte de espaços públicos, utilizando a ferramenta do graffiti como um agente de educação de uma linguagem estética. É um canal de comunicação que busca provocar o interlocutor, cabendo a este interpretar e reagir a esta provocação.

O Grafiteiro 1 tem como objetivo ser um agente de intervenção, não um apenas espectador “como meta assim, ter o meu lugar enquanto uma pessoa que não só ficou observando ali o tempo passar”.

Com o pertencimento gerado pela cultura, neste caso o graffiti, o sujeito torna-se emponderado e traça metas ambiciosas como o Grafiteiro 4 “[...] questões de pertencimento, de poder achar que eu posso contribuir com o plano mais macro de sociedade e num plano mais planetário talvez, acho que geral”. E vai de encontro à ideia de “Grito de protesto para a sociedade” ao inferir “[...] acho que a gente quer fazer com que as pessoas escutem o que a gente acredita que é importante, que é relevante pra elas entenderem”.

3.6 Graffiti no Grajaú

3.6.1 Perfil dos Moradores do Grajaú que Responderam os Questionários

Foram realizados 50 questionários com os moradores do Grajaú, sendo a maioria do sexo feminino. Para manter uma igualdade de proporção de sexo optamos por utilizar apenas 40 questionários.

A maior parte dos pesquisados possui entre 19 e 30 anos (55%), sendo que na faixa etária de 19 – 24 tivemos 15 participantes (37,5%) e a faixa de 25

– 30, 7 participantes (17,5%). No geral aceitaram participar da pesquisa indivíduos mais jovens, mesmo sendo explicado que não era necessário conhecer a cultura do graffiti para participar da pesquisa, indivíduos mais velhos mostravam grande resistência em participar da pesquisa, sobretudo os homens, conforme podemos verificar na tabela abaixo:

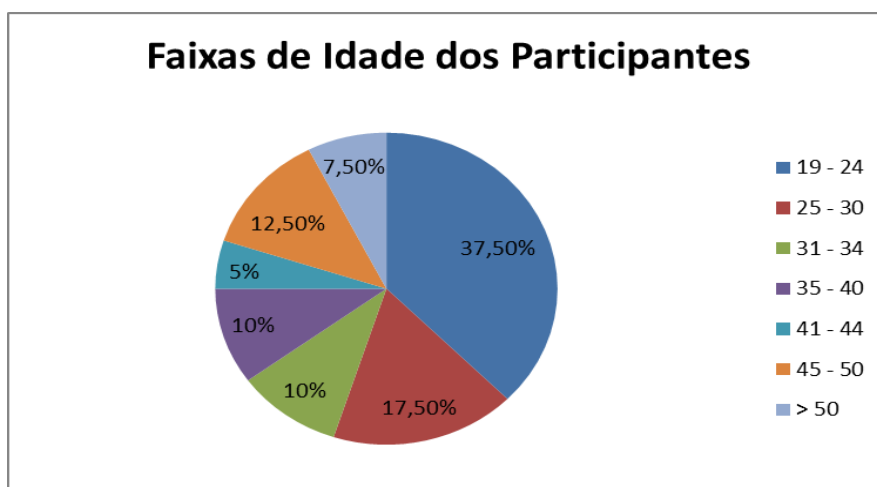


Gráfico 3

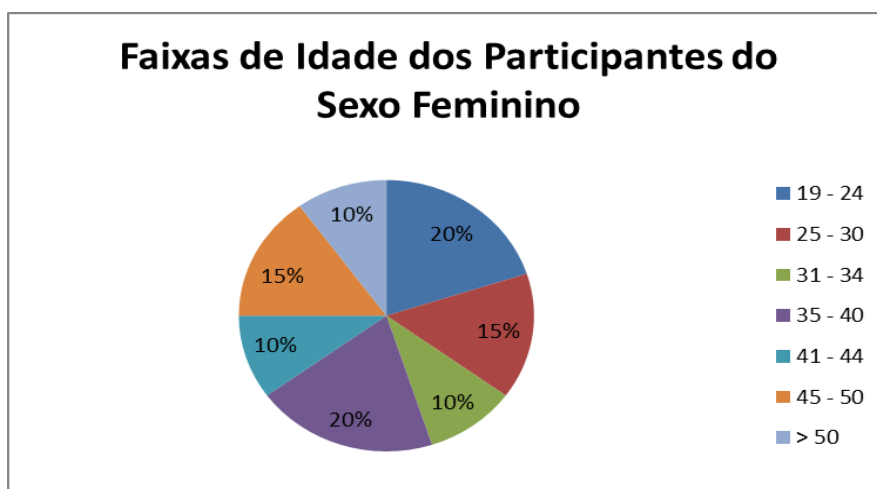


Gráfico 4

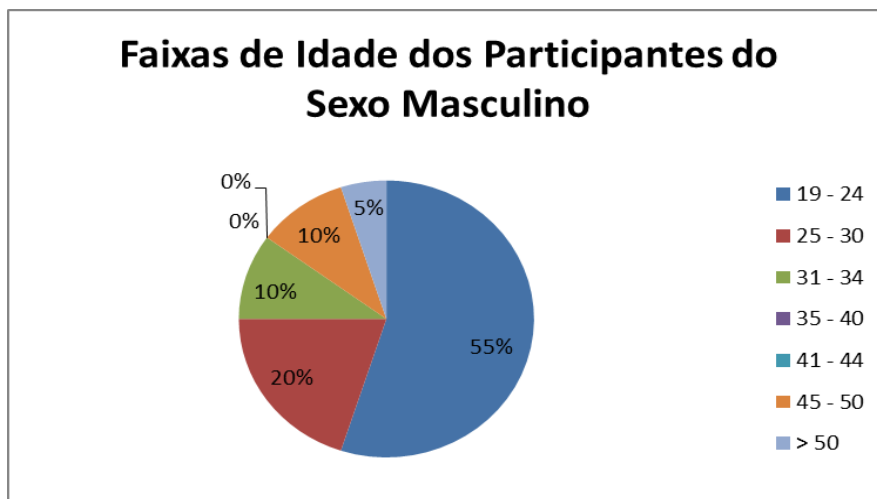


Gráfico 5

Como consta no gráfico 3 dos 20 homens que responderam os questionários, 15 possuem menos de 30 anos (75%).

Levantamos na pesquisa a escolaridade dos participantes, sendo a maior parte dos participantes tem o Ensino Superior Incompleto com 17 indivíduos (42,5%), em seguida temos 11 indivíduos (27,5%) com 2º grau completo.

Escolaridade	Quantidade	%
2º grau incompleto	1	2,50%
2º grau completo	11	27,50%
Ensino Fundamental incompleto	5	12,50%
Ensino Fundamental Completo	1	2,50%
Ensino Superior incompleto	17	42,50%
Ensino Superior Completo	5	12,50%

Tabela 3

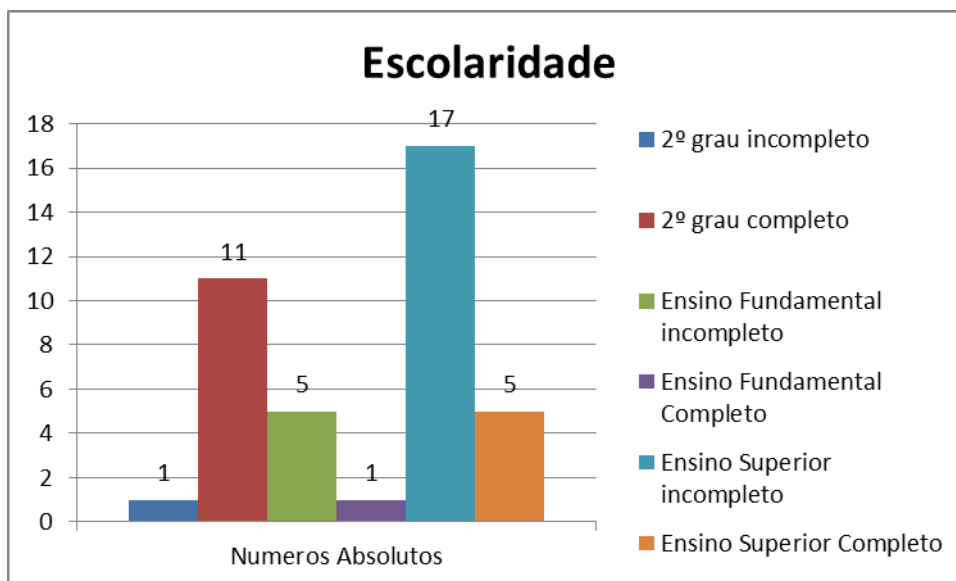


Gráfico 6

Os participantes, em sua maioria tem renda familiar entre um e três salários mínimos, sendo 15 participantes (37,5%) com esta média salarial e segundo lugar possuindo até 5 salários mínimos 14 pessoas (35%).

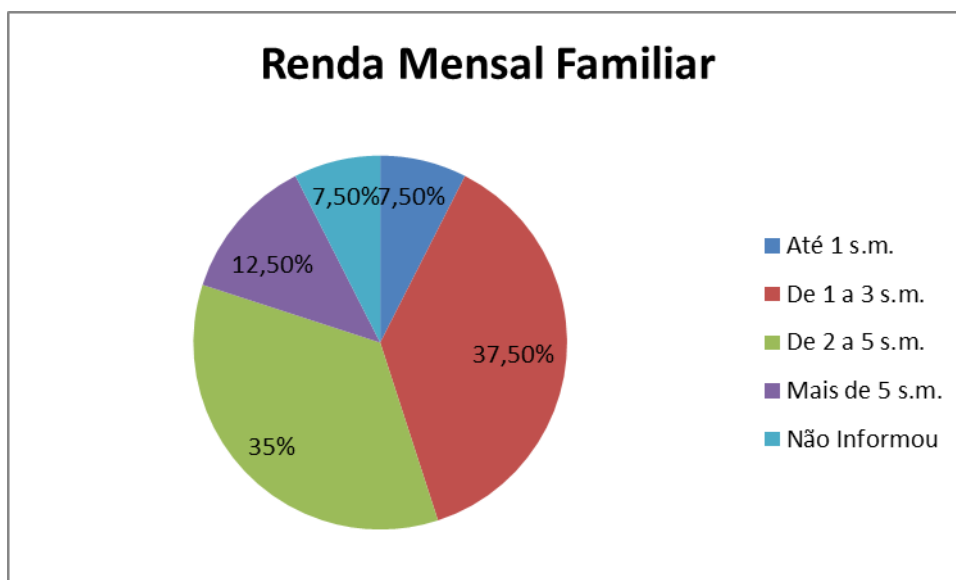


Gráfico 7

Os entrevistados informaram residir em diversos bairros, observe abaixo:

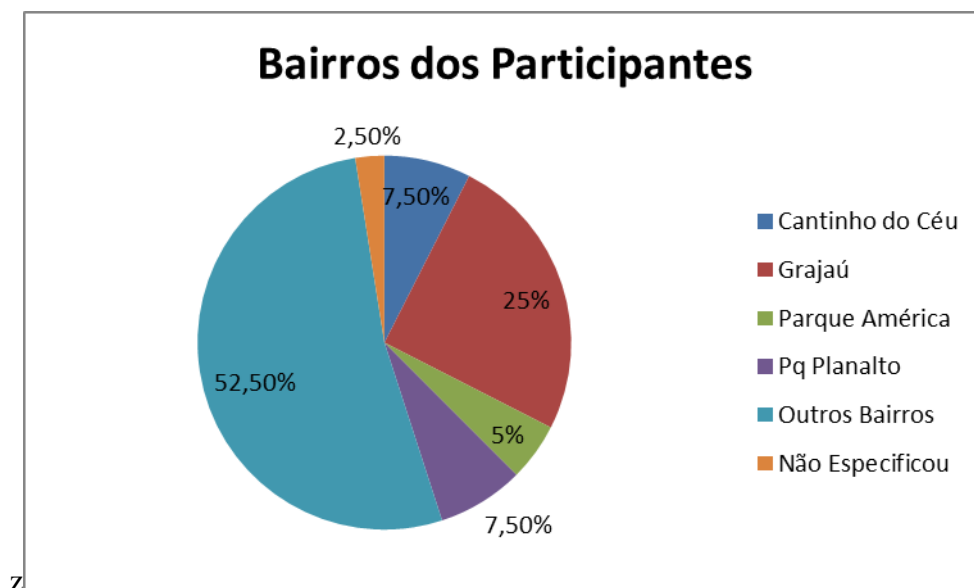


Gráfico 8¹³

3.6.2 A intervenção pelo Graffiti, a percepção da população do Grajaú

Elaborando o questionário, foram feitas duas perguntas para os moradores do Grajaú com o objetivo de contrapor o entendimento dos mesmos referente à pichação e graffiti. Trata-se de perguntas de múltipla escolha sendo as mesmas opções para as duas expressões.

A opinião dos moradores referente à pichação aparece bastante dividida como podemos observar no gráfico abaixo:

¹³ Sendo “Outros Bairros”: BNH, Ilha do Bororé, J. Ideal, Jardim Guanhembu, Jardim Noronha, Jardim Sabiá II, Jd Edda, Jd Ellus, Jd Jaú, Jd Lucélia, Jd Manacá, Jd Novo Jaú, Jd Porto Velho, Jd São Bernardo, Jd Shangri-Lá, JD. Eliana, Jd. Sabiá, Marilda, Parque São José, Pq. Res. Cocaia, Vila Narciso; com um cada e Um questionário não apontava o bairro do participante.

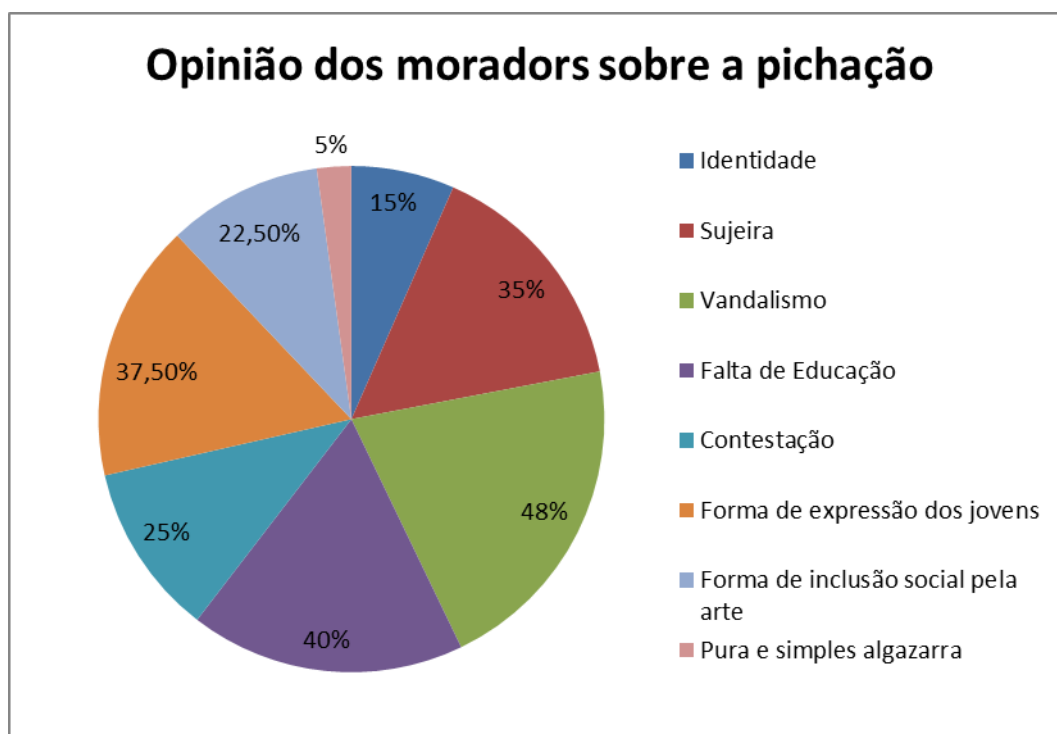


Gráfico 9

Existem diversas respostas que podem ser destacadas por aparecer marcadas em grande quantidade, é possível perceber que os moradores de idade entre 19-24 anos registraram o número mais alto em relação ao campo Vandalismo (7 dos 15 questionários que pertencem a esta faixa etária, 46,66%), da mesma forma em que reconheceram a pichação como contestação (6 – 40%), seguidos de Identidade (5 – 33,33%), forma de expressão dos jovens e Forma de inclusão social pela arte contendo 5 respostas.

A questão que busca saber a opinião dos moradores sobre o graffiti obteve um resultado que consideramos positivo, a questão identidade apareceu em número mais alto entre os moradores de faixa etária de 19-24 anos com 11 respostas (73,33% dos questionários desta faixa etária). Já as questões forma de expressão dos jovens (25 respostas - 62,5% de todos os questionários) e Forma de inclusão social pela arte apresentaram maiores número de respostas entre todas as idades em comparação com outras questões como sujeira (0), vandalismo (0), falta de comunicação (0) que não

pontuaram em nenhuma das idades, observe na tabela abaixo como estão distribuídas as respostas:

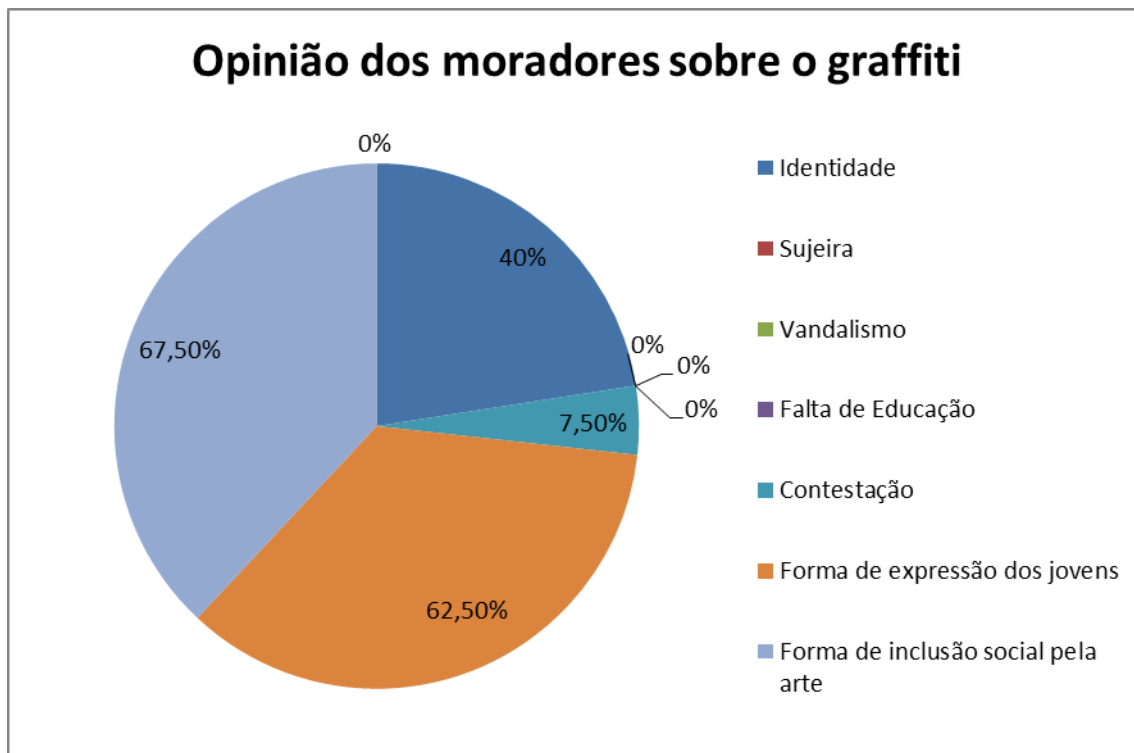


Gráfico 10

A questão que buscava identificar se os moradores do Grajaú consideram que o Graffiti é uma ferramenta de inclusão social respondeu a um dos objetivos deste trabalho, pois 36 respostas (90%) informaram que sim o graffiti é uma ferramenta de inclusão social, apenas 1 resposta (2,5%) mostrou-se contrária na faixa etária de moradores com idade entre 31-34 anos, três formulários não marcaram nenhuma resposta para esta pergunta (7,5%).

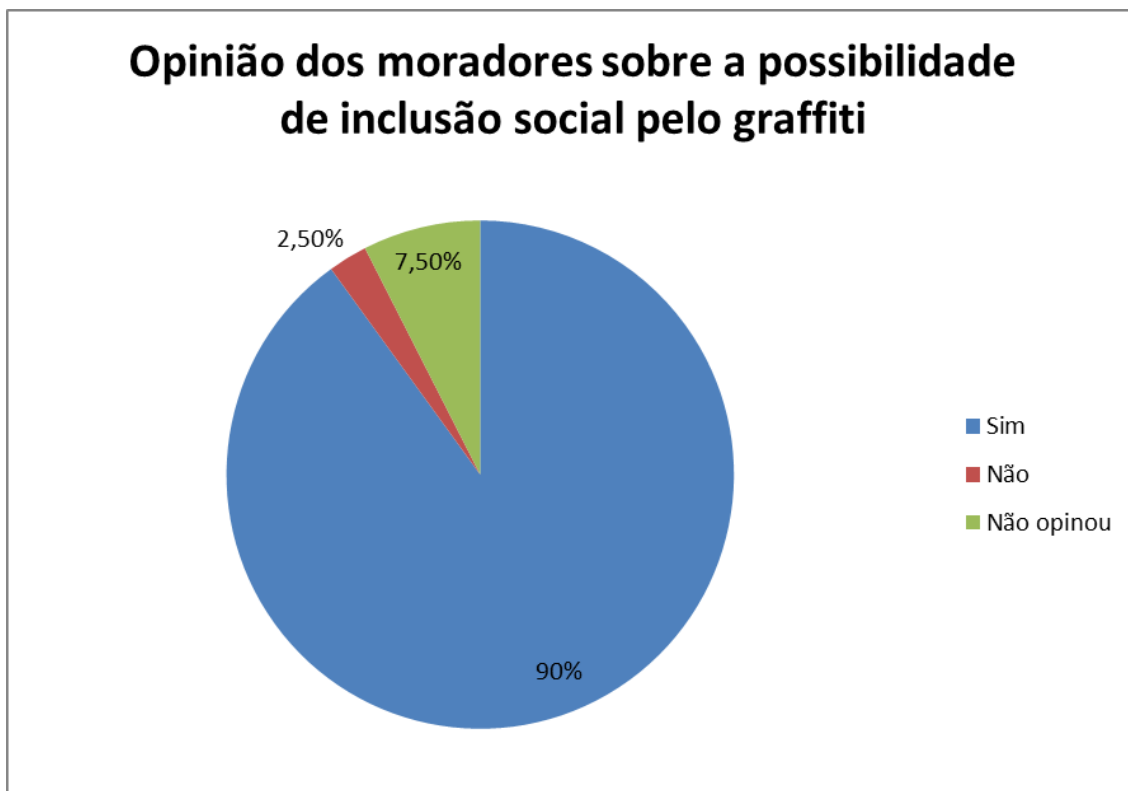


Gráfico 11

No questionário da pesquisa de campo possui uma questão aberta para saber das pessoas que acreditam haver inclusão social pelo graffiti e como esta ocorre, separamos alguma fala dos moradores que convergem com as falas dos grafiteiros, identificamos alguns assuntos que acreditamos ser importante revelar, pois trata-se da relação que o morador e o grafiteiro tem com o graffiti ou como os mesmo enxergam essa arte.

O Grafiteiro 3 refere que acredita que é uma evolução dentro do graffiti a profissionalização por meio da arte e poder passar o que aprendeu para a comunidade, e explicita que esse movimento de troca é maravilhoso: “vejo toda essa evolução um monte de grafiteiros tanto mais velhos quanto mais novos dando bons exemplos, levando a coisa muito a sério se profissionalizando em relação a isso, aos conhecimentos, dando oficinas de graffiti, levando isso para a comunidade, áreas de lazer, eu acho que esta maravilhoso”.

Podemos relacionar esta fala com algumas das respostas dos moradores:

- Como eu mesmo faço graffiti, o graffiti abre portas para trabalhar, conhecer outras pessoas, fazer intercambio pra fora. O graffiti agora conquistou novos espaços e está até nos museus.
- Novos caminhos e inclusão no mercado de trabalho e evolução social, com o trabalho coletivo.
- Sim!!! Através da arte (graffiti), podemos mostrar as pessoas que a arte não tem barreiras e mesmo para aqueles que acham que só sabem fazer "desenhos de pauzinho", que isto também é arte. E muitas das vezes essas artes podem render muitos frutos, sejam eles financeiros culturais ou sociais.

Existe aqui uma observação do Grafiteiro 1 referente a pratica de graffiti o no Grajaú, o mesmo relata o graffiti é muito presente neste distrito “Grajaú tem muitos bombings, eu observo poucos, poucos não, mas existem artistas que também fazem personagens, desenhos outras coisas figurativas, mas eu vejo que existe um numero maior até de atuantes, pessoas que atuam mais, estão sempre atuando com seus trabalhos ali, a galera que faz mesmo o bombings, tem essa outra vertente que é do graffiti”.

Bombing é uma espécie de graffiti com letras simples realizadas rapidamente, geralmente sem autorização, por isso considerado ilegal e facilmente confundido com a pichação, como é possível perceber na fala de um morador “Desde que use o graffiti como uma arte. Tem gente que acha que a pichação é arte e o graffiti é pichação. precisa saber o que esta fazendo”.

3.6.3 Trabalho do IMARGEM

Ao realizar as entrevistas consideramos importante saber qual o trabalho que o coletivo Imargem realiza, cada grafiteiro mencionou oque acreditava ser a missão:

- Grafiteiro 3 “O trabalho era exatamente se apropriar, fomentar isso que a gente já estava fazendo com os graffitis, só que sem ser formalmente, então eu acho que o Imargem foi muito

importante para trazer essa coisa, pra ser mais formal, com a entrega dos projetos, seja pelo VAI¹⁴, seja para outros institutos, [...] fora isso o evento do Niggaz, que eles produziram muitos anos, no começo eu também participei, [...] eu achei que foi algo muito importante e que esta ai caminhando”.

- Grafiteiro 1 “Desperta muita curiosidade das pessoas né? As pessoas olham a gente assim, olham a gente como agentes mesmo, agentes não marginais, mas agentes artísticos né? Por que eu vejo que, enfim, como eu sou um morador do Grajaú passo assim e algum dos outros amigos também estão passando, as pessoas sempre tem boa memoria da gente né?” A os meninos lá que organizam os eventos de graffiti, arte, os desenhos”. Enfim cada um com a sua forma de falar, mas sempre lembra né? E entende que aquilo é uma ação cultural que sempre esta acontecendo no extremo sul”.

- Grafiteiro 2 “A gente acredita que a gente é um movimento, mais que um coletivo, a gente é um movimento. A gente é simpaticamente apelidado de coletivo, denominado coletivo e agente também se identifica como coletivo, mas o Imargem é mais que um coletivo, por que é um movimento, às vezes é um, às vezes são cem pessoas é um monte que se identifica, sabe? Às vezes é dois, é três, é quatro, é quem propõem é quem participa de cada determinado projeto, a gente participa de vários projetos, né? Então, são projetos que tem composições e integrantes diferentes, atuações diferentes”.

- Grafiteiro 4 “Tem três eixos: arte, meio ambiente e convivência. Esses três eixos andam muito juntos, mas eu gosto mais uma vez de reforçar o fator da convivência. Por que a convivência que vai fazer com que os outros eixos possam acontecer. Então nesses eixos a gente lança um serie de

¹⁴ VAI (Valorização de Iniciativas Culturais) é um programa mantido pela Prefeitura de São Paulo para incentivar ações culturais na cidade.

estratégias pra poder fazer acontecer. Então a arte, ela é mais uma ferramenta, é um mecanismo de expressão onde as pessoas vão dizer vão se expressar e a partir dai a gente vai tentar entrar no processo de convivência, pra entrar nos nossos consensos e ao mesmo tempo discutir a convivência harmônica dentro do espaço, que ai envolve o meio ambiente. O meio ambiente não é só o mico leão dourado, o meio ambiente é aqui a convivência dentro do território super impar ou par também, par é bom também, mas impar é a expressão que dizem que é único. A gente ta numa área de manancial, do lado de uma das maiores represas em área habitada a Billings, que muitos confundem com a Guarapiranga que é bem menor, enfim, acho que o Imargem... ele tenta incidir em varias esferas, seja no campo pedagógico, campo econômico também, cada dia que passa a gente tá mais discutindo a questão econômica, as questões também ambientais, também de impacto, as questões de direitos humanos, direito a cidade, os direitos todos, os direitos de quarta geração. É o direito de ter uma agua limpa, de ter um ar bom, né? Ter um direito a terra, a moradia, entre outras coisas”.

Questionamos aos moradores do distrito do Grajaú se os mesmo conheciam o coletivo IMARGEM, os moradores que informaram conhece-lo em sua maioria residem em bairros próximos. Supõe-se que o coletivo possua uma influencia maior “no distrito do Grajaú” nos bairros mais próximos a ele.

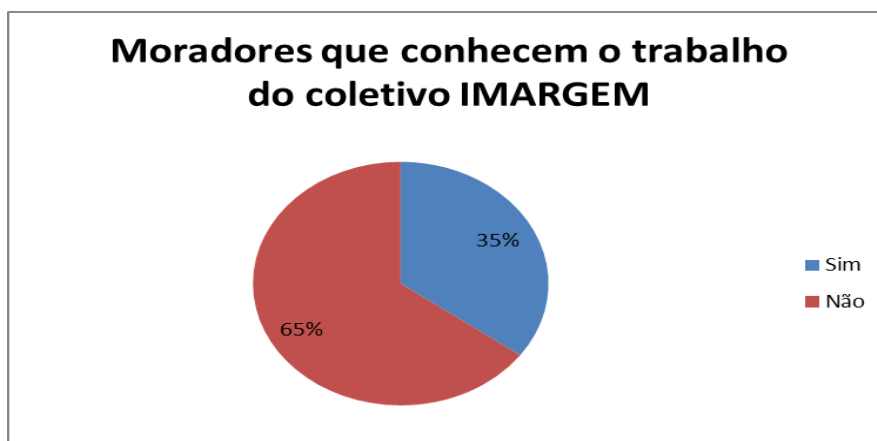


Gráfico 12

Abaixo os bairros das pessoas que informaram conhecer o coletivo IMARGEM

Bairros dos entrevistados que conhecem o IMARGEM	
BNH	1
Cantinho do Céu	3
Grajaú	5
Ilha do Bororé	1
J. Ideal	1
JD. Eliana	1
Parque America	1
Vila Narciso	1

Tabela 4

Questionamos aos moradores que referiram conhecer o coletivo se consideram que o trabalho por eles realizado é arte e todos os que consideram sim o trabalho do IMARGEM como arte. (total 14)

3.7 Considerações

Buscou-se neste trabalho revelar de qual forma o graffiti é usado como ferramenta de inclusão social no Grajaú, verificar como as intervenções urbanas de graffiti interferem no cotidiano dos cidadãos e como os mesmo interagem e conhecer a intenção dos grafiteiros ao projetar a arte nos muros.

Consideramos que este objetivo foi cumprido, pois identificamos na pesquisa de campo que os graffiti são visto como arte, expressão dos jovens, é uma ferramenta que possibilita gerar renda, a maioria dos entrevistados acredita no graffiti como ferramenta de inclusão social, o que mostra a visão positiva que os moradores têm do graffiti. Também foi possível conhecer a intenção dos grafiteiros ao projetar a arte nos muros, isto é ser um agente difusor de informação ocupando os espaços públicos da cidade, não ser apenas um expectador transmitindo o que acreditam ser importante para a comunidade que vê os muros.

Tínhamos como hipótese que a arte projetada nos muros pode causar a sensação de identificação, esta foi confirmada, pois nas questões abertas do questionário dos moradores identificamos que por meio desta cultura se sentiram pertencentes a este movimento. E outro elemento da hipótese é que o grafiteiro identifica o graffiti como ferramenta de inclusão social. Os quatro entrevistados concordam com a hipótese, mesmo acreditando que o graffiti é uma ferramenta além da inclusão social, identificam como principal ganho o pertencimento a esta cultura e o empoderamento que vem com esta sensação de pertencimento.

A realização desta pesquisa gerou muita informação que infelizmente não pode ser aprofundada neste trabalho, mas que poderão ser desenvolvidas e projetos futuros.

Esperamos ter contribuído para a diminuição do preconceito que existe com a cultura do graffiti e com pessoas que contribuem e vivem este movimento.

REFERENCIAS

ARANTES, Antônio A. **O que é cultura popular.** 8ªed. São Paulo:Brasiliense1985.

BACELAR, Jorge. **Notas sobre a mais velha arte do mundo.** Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=3> Acesso em: 14/5/2014.

BATISTA, Jerry. **Pioneiros do graffiti no Grajaú.** Depoimento (Out. 2014). Entrevistador (a): SANTOS, Talícia Carneiro. São Paulo: A7MA-SP 2014. Gravador de voz no celular (27min).

CARDOSO, Everaldo. **A historia do graffiti: grafite (arte).** Terezina, jun.2011 Disponível em <<http://historiadasartesvisuais.blogspot.com.br/2011/06/historia-do-grafite.html> > Acesso em: 14 Out.2011.

CONFERÊNCIA PODER, 2012, Lima, Peru. **Novo Século, Velhas disparidades.** Volume 1

GIL, Antonio Carlos, **Como elaborar projeto de pesquisa.** 4ªed. São Paulo: Atlas2002

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ªed. São Paulo: Atlas2008.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. Brasil, 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=352590&search=ljundiai>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

LEI 9605/98. **Art. 65 da Lei de Crimes Ambientais.** Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11331651/artigo-65-da-lei-n-9605-de-12-de-fevereiro-de-1998>> Acesso em: 19 Out.2014.

MELLO, Eliana M. de et al. Identidade E Inclusão: Da Teoria À Prática Interdisciplinar, In. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, VII, 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba PUCPR.

MOTA, Letizia O. **Envelhecimento e inclusão social: O projeto agente experiente**. Rio de Janeiro, 2007.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NERI, Welligton. **História do grafite no Grajaú**. Depoimento (Out.2014) Entrevistador (a): SANTOS, Talícia Carneiro. São Paulo: IMARGEM-SP 2014. Gravador de voz no celular (31min).

PENTEADO, Gilmar. A cada assassinato em Moema, 130 são mortos no Grajaú. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 de dezembro de 2007. Cotidiano.

PIESCO, Juliana. **Mulheres grafiteiras: as artistas na arte urbana**. Disponível em: <http://falacultura.com/mulheres-grafiteiras/>. Acesso em> 19 Out. 2014.

RAMOS, Celia M. A. Grafite & pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLASTICAS, XVII, 2008, Florianópolis **ANAIS...** Florianópolis UDESP.

REDE NOSSA SÃO PAULO. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/analises.php?tema=11&indicador=53&ano=2012®iao=0#info>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

SABESP. São Paulo, Disponível em: <<http://www.sabesp.com.br/CalandraWeb/CalandraRedirect/?temp=4&proj=AgenciaNoticias&pub=T&db=&docid=1D5536296FC51865832576340072C9BB>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

SENA, João C. Grajaú - História do bairro de São Paulo / SP. São Paulo: Antares Multimeios, 2013 vídeo (26 min) Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8s35aXMSz7E>> Acesso em: 19 out. 2014

SERETARIA MUNICIPAL DE COORDENAÇÃO DAS SUB PREFEITURAS. São Paulo, 2010, Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758>. Acesso em: 02 fev. 2015.

Anexo A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PROTOCOLO: O graffiti como ferramenta de inclusão social no Grajaú: Um olhar diferenciado sobre a periferia ou um grito de protesto para a sociedade?

Estes esclarecimentos estão sendo apresentados para solicitar sua participação livre e voluntária, no projeto “O graffiti como ferramenta de inclusão social no Grajaú: Um olhar diferenciado sobre a periferia ou um grito de protesto para a sociedade?”, do Curso de Serviço Social da Universidade de Santo Amaro - UNISA, que será realizado pelo pesquisador Tito Arturo Valencia Monárdez, e pela graduanda Talícia Carneiro dos Santos do Curso de Serviço Social, como Trabalho de Conclusão de Curso.

O projeto contribuirá para a compreensão de como essa arte contribui para a inclusão social e emancipação e ainda colaborará com a diminuição do preconceito que existem com os artistas que realizam o graffiti e com a própria arte, pois ambos têm o estigma de marginais por possuírem suas vertentes na pichação.

O objetivo da pesquisa é revelar de que forma o graffiti é usado como ferramenta de inclusão social no distrito do Grajaú, assim como verificar como as intervenções urbanas de graffiti interferem no cotidiano dos cidadãos e distinguir a intenção dos grafiteiros ao projetar a arte nos muros.

Desta forma, podemos conhecer os protagonistas das intervenções urbanas de graffiti no distrito Grajaú.

Será realizada entrevista com o uso de gravador de voz e vídeo. Fica a critério do participante se não desejar responder alguma questão.

Não há benefício direto para o participante.

É garantido o acesso, em qualquer etapa do estudo, aos profissionais responsáveis pela pesquisa para **esclarecimento de eventuais dúvidas ou informações** sobre os resultados parciais das pesquisas, quando em estudos abertos, ou de resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores.

O pesquisador responsável é o Prof. Tito Arturo Valencia Monárdez, que pode ser encontrado no endereço Rua Isabel Schmidt, 349, Santo Amaro. São Paulo – SP Telefone (11) 2141-8555. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNISA) – Rua Prof. Enéas de Siqueira Neto, 340, Jardim das Imbuías, SP – Tel.: 2141-8687.

É **garantida sua liberdade da retirada de consentimento** a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de qualquer benefício que você tenha obtido junto à Instituição, antes, durante ou após o período deste estudo.

As informações obtidas pelos pesquisadores serão analisadas em conjunto com outros participantes, **não sendo divulgada a identificação** de nenhum deles.

Não há **despesas pessoais** para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há **compensação financeira** relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Em caso de dano pessoal, diretamente relacionado aos procedimentos deste estudo (nexo causal comprovado), a qualquer tempo, fica **assegurado ao participante o respeito a seus direitos legais**, bem como procurar obter **indenizações** por danos eventuais.

Uma via deste Termo de Consentimento ficará em seu poder.

São Paulo, ____/____/____

Tito Arturo Valencia Monárdez

Se você concordar em participar desta pesquisa assine no espaço determinado abaixo e coloque seu nome e o nº de seu documento de identificação.

Nome: (do participante)

Doc. Identificação:.....

...ou...

Nome: (do representante legal).....

Doc. Identificação:.....

Nível de representação: (genitor, tutor, curador, procurador, ...)

Nome do participante:.....

Declaro(amos) que obtive(mos) de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante (ou do representante legal deste participante) para a participação neste estudo, conforme preconiza a Resolução CNS 466, de 12 de dezembro de 2012, IV.3 a 6.

Assinatura do pesquisador responsável pelo estudo Data / /

Assinatura dos demais pesquisadores Data / /

Anexo B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PROTOCOLO: O graffiti como ferramenta de inclusão social no Grajaú: Um olhar diferenciado sobre a periferia ou um grito de protesto para a sociedade?

Estes esclarecimentos estão sendo apresentados para solicitar sua participação livre e voluntária, no projeto “O graffiti como ferramenta de inclusão social no Grajaú: Um olhar diferenciado sobre a periferia ou um grito de protesto para a sociedade?”, do Curso de Serviço Social da Universidade de Santo Amaro - UNISA, que será realizado pelo pesquisador Tito Arturo Valencia Monárdez, e pela graduanda Talícia Carneiro dos Santos do Curso de Serviço Social, como Trabalho de Conclusão de Curso.

O projeto contribuirá para a compreensão de como essa arte contribui para a inclusão social e emancipação e ainda colaborará com a diminuição do preconceito que existem com os artistas que realizam o graffiti e com a própria arte, pois ambos têm o estigma de marginais por possuírem suas vertentes na pichação.

O objetivo da pesquisa é revelar de que forma o graffiti é usado como ferramenta de inclusão social no distrito do Grajaú, assim como verificar como as intervenções urbanas de graffiti interferem no cotidiano dos cidadãos e distinguir a intenção dos grafiteiros ao projetar a arte nos muros.

Desta forma, podemos conhecer os protagonistas das intervenções urbanas de graffiti no distrito Grajaú.

Será aplicado questionário com questões fechadas. Fica a critério do participante se não desejar responder alguma questão.

Não há benefício direto para o participante.

É garantido o acesso, em qualquer etapa do estudo, aos profissionais responsáveis pela pesquisa para **esclarecimento de eventuais dúvidas ou informações** sobre os resultados parciais das pesquisas, quando em estudos abertos, ou de resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores.

O pesquisador responsável é o Prof. Tito Arturo Valencia Monárdez, que pode ser encontrado no endereço Rua Isabel Schmidt, 349, Santo Amaro. São Paulo – SP Telefone (11) 2141-8555. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNISA) – Rua Prof. Enéas de Siqueira Neto, 340, Jardim das Imbuías, SP – Tel.: 2141-8687.

É **garantida sua liberdade da retirada de consentimento** a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de qualquer benefício que você tenha obtido junto à Instituição, antes, durante ou após o período deste estudo.

As informações obtidas pelos pesquisadores serão analisadas em conjunto com outros participantes, **não sendo divulgada a identificação** de nenhum deles.

Não há **despesas pessoais** para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há **compensação financeira** relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Em caso de dano pessoal, diretamente relacionado aos procedimentos deste estudo (nexo causal comprovado), a qualquer tempo, fica **assegurado ao participante o respeito a seus direitos legais**, bem como procurar obter **indenizações** por danos eventuais.

Uma via deste Termo de Consentimento ficará em seu poder.

São Paulo, ____/____/____

Tito Arturo Valencia Monárdez

Se você concordar em participar desta pesquisa assine no espaço determinado abaixo e coloque seu nome e o nº de seu documento de identificação.

Nome: (do participante)

Doc. Identificação:.....

Declaro(amos) que obtive(mos) de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante (ou do representante legal deste participante) para a participação neste estudo, conforme preconiza a Resolução CNS 466, de 12 de dezembro de 2012, IV.3 a 6.

Assinatura do pesquisador responsável pelo estudo Data / /

Assinatura dos demais pesquisadores Data / /

Anexo C

Grafito 1

1. Qual é sua opinião referente à sua prática do graffiti na região do Grajaú?

Eu sinto que é muito importante, por que o Grajaú é um lugar que assim tem muita carência de espaços culturais e acho que o graffiti e a pichação é uma cultura, os jovens, assim, as pessoas que passam ali elas digerem essa informação, elas estão atentas ao que está sendo transposto ali no muro, desenhos, enfim, é um meio de comunicação que a gente quando observa tem um impacto, acho que é importante, pro Grajaú extremamente importante. Gostaria que a paisagem do Grajaú, assim, em termos de... enquanto uma pessoa, um passante observando, acho que pede mais desenhos, a gente quer ver mais desenhos. Sinto que o que cada bairro tem enquanto referência de graffiti no muro é um pouco da atmosfera do que está ali, por exemplo no Grajaú tem muitos bombings, eu observo poucos, poucos não, mas existem artistas que também fazem personagens, desenhos outras coisas figurativas, mas eu vejo que existe um número maior até de atuantes, pessoas que atuam mais, estão sempre atuando com seus trabalhos ali, a galera que faz mesmo o bombings, tem essa outra vertente que é do graffiti.

2. Você considera o graffiti como uma ferramenta de inclusão social?

Orra, lógico! Acho que tem muito mais pra oferecer assim, né? Por que é algo muito espontâneo o graffiti e a gente inconsequentemente, faz a todo momento a gente está rabiscando, até quem não tem o costume de escrever, quem desenha todo mundo tem o hábito de grafitar, todo mundo tá fazendo o graffiti a todo momento, risca alguma coisa ali a gente tá sempre... até mesmo as marcas que tem na cidade, sujeira é graffiti também, cara tudo é graffiti. Acho que a gente está mais intervindo na cidade do que a gente imagina, né? Acho que a gente tem que tomar consciência do quanto a gente pode interagir com a cidade não só pelo graffiti, mas o graffiti é um... abre portas para você

perceber outras coisa do meio que você vive, por onde você tá passando, o que você tá vivenciando nessa cidade, tudo.

3. Como e quando ocorre a inclusão social pela perspectiva o graffiti no Grajaú?

Pelo graffiti? Acho que, acho não, tira essa palavra, essa relação mesmo que tem com informação. A partir do momento que a pessoa passa e observa algo que tem uma informação, seja um desenho, seja uma pichação ou uma frase ela tá incluindo as pessoas, a interagirem, a tirar uma percepção daquilo, elas estão de certa forma dialogando, estão aprendendo, refletindo né? E muito mais quando a pessoa tá também fazendo a própria interação que mais conveniente, por que ela parte do lado de telespectadora para uma pessoa que atua, dai ela pode atuar de outras formas, mas acho que sinto o graffiti como algo que aproxima muito, as pessoas estão seja lá fazendo bombing, seja fazendo letra, desenho, elas estão fazendo e interagindo com o espaço dela diante do que ela tá contribuindo também para a historia, pra gente entender oque estamos vivendo.

4. Quais experiências foram proporcionadas devido a pratica do graffiti que você considera importante na sua vida?

O simples prazer de tá fazendo, eu gosto... não é ego meu, mas assim, eu gosto de quando eu passo e tem um desenho meu ali , ai eu observo, lembro de quem eu sou e sabe, o prazer mesmo, é uma coisa que eu gosto de fazer, acho que o momento mais importante é sempre esse, quando eu estou desenhando passando a informação que eu quero passar.

5. Qual é sua intenção ao grafitar no Grajaú?

Entrevistador: É uma meta pessoal, você quer provocar alguma coisa no outro?

Poxa! É tudo isso aí, e sem me dar conta, acho que sem perceber estou fazendo tudo que quero fazer e com uma coisa muito simples. Estou provocando uma inquietação, estou passando uma mensagem que eu sinto que é clara e que as pessoas logo quando veem elas interpretam, e como meta assim, ter o meu lugar enquanto uma pessoa que não só ficou observando ali o tempo passar né? Observar e dialogar o que eu vivenciei o que eu senti, por que assim enquanto um artista mesmo do extremo sul, tem outras vivências, mas é sempre uma incógnita o que vai ser o amanhã. Pra mim espero que daqui a 30 anos, 20 ou mais, continuar grafitando e fazendo isso continuar, eu sou ainda um primitivo, estou aprendendo aí, só que talvez a mensagem que eu queira passar até tenha relação com isso que ainda somos primitivos e a gente precisa se observar mais, observar tanto o centro da cidade, quanto as margens, quanto observar o céu, observar o fundo do mar, observar tudo quanto podemos observar e tirar aprendizado disso né? E sei lá, o conhecimento tá aí, sinto que o graffiti é muito legítimo é uma resposta muito forte pra essa sociedade que a gente está experienciando, num lugar onde na cidade, nessas grandes metrópoles, a gente tá num lugar que instiga a gente a tá refletindo, pra gente não adormecer, não ficar ancorado ali, sabe só pensar, refletir e entender quanto a gente pode se transformar, desde de que a gente aprenda a lidar com os outros.

6. Qual o trabalho realizado pelo coletivo IMARGEM no Grajaú?

O trabalho do Imargem?

Desperta muita curiosidade das pessoas né? As pessoas olham a gente assim, olham a gente como agentes mesmo, agentes não marginais, mas agentes artísticos né? Por que eu vejo que, enfim, como eu sou um morador do Grajaú passo assim e algum dos outros amigos também estão passando, as pessoas sempre tem boa memória da gente né? “ A os meninos lá que organizam os eventos de graffiti, arte, os desenhos”. Enfim cada um com a sua forma de falar, mas sempre lembra né? E entende que aquilo é uma ação cultural que sempre está acontecendo no extremo sul e enquanto aqui no

centro da cidade esta acontecendo “N” coisas, lá também tá acontecendo muitas coisas, muitíssimas coisas... tanto culturais, quanto sociais, tá acontecendo tudo lá, mas desse âmbito é raro né? A gente, até aquela pergunta da inclusão social, tá incluindo ai ne? A partir do momento que a gente tá interagindo com os graffitis, com os manifestos. O Grajaú ele... e as pessoas que moram ali, elas estão consumindo arte, estão consumindo mesmo que efêmera e que dure pouco tempo, esta ali, elas estão tirando algo daquilo e com certeza esta, as vezes não fala por que é tímida, mas algo esta acontecendo, elas estão vendo, esta repercutindo nela, ela só não faz ideia disso, acho que é muito importante é importantíssimo.

Grafito 2

1. Qual é sua opinião referente à sua pratica do graffiti na região do Grajaú?

Eu acho que é uma coisa que é uma ... eu sou um entusiasta dessa cena. Eu acho que agente tem que fazer bastante isso por que a gente chegou a um patamar que sem querer querendo, né? A gente conseguiu fazer um grande efeito, assim sabe? Então a partir das bordas da cidade agente tem uma visão muito interessante do contexto todo, é como se fosse uma evolução que parte das beiradas. Acho que a atividade do graffiti no Grajaú realmente isso, onde São Paulo começa, né? Como já foi dito. É muito interessante, vindo de lá, a gente consegue perceber através da geografia como interessante e peculiar o graffiti vindo de cada lugar.

2. Você considera o graffiti como uma ferramenta de inclusão social?

Eu super considero, mas é mais que isso. A gente até prefere usar a conotação de não só social, parece que a conotação social parece um pouco “demodê”, sabe? A gente acredita que faz um tipo de uma manifestação politica, sabe? Além de partidária, a gente analisa os partidos também, a gente percebe como a organização, sabe? De um tempo pra cá uns são vermelhos,

outros são azuis, ou você está de um lado ou está de outro, e a ferramenta democrática que é o graffiti tem muito a haver com esse movimento jovem, esse movimento marginal, tem uma grande capacidade política, conotação política, né? Social e é bacana, a gente tem consciência disso e incentivar, promover políticas pra que isso aconteça cada vez mais e de mais jeito. Então a gente acredita muito nisso e colabora para que isso aconteça. É a ferramenta que a gente acredita.

3. Como e quando ocorre a inclusão social pela perspectiva o graffiti no Grajaú?

Acho que as oficinas é um jeito sim, a gente acredita na arte como uma ferramenta de educação, uma ferramenta didática e com esse potencial super de... como já é usado as instituições de educação acreditam já nessa ferramenta do graffiti como ferramenta de artes plásticas, educação artística

Entrevistador - Mais do que social, como você disse anteriormente, né?

Sim! É didático, educacional, tenta ser sustentável e precisa também é uma atividade jovem e de arte, então precisa... Há necessidade de ser altamente critica, altamente qualificada, então a gente também se intitula, se autodenomina autoridades, legitimidades estéticas, né? A gente acredita que a gente, mais, assim como a arquitetura, o urbanismo a própria publicidade e outras coisa, o cinema, a propaganda, muito usa essa mesma ferramenta publica e a gente acredita que audiência que tem o graffiti é uma ferramenta destas que a gente citou antes. Mídia multidisciplinar.

4. Quais experiências foram proporcionadas devido a pratica do graffiti que você considera importante na sua vida?

Eu acho que essa capacidade de ver a cidade com uma ótica da geografia, sabe? Da cartografia da cidade, olhar os territórios, a presença nos territórios, a conquista do espaço então esse é um grande... a gente é muito

grato nesse sentido, por que isso foi muito importante pra gente. Circular pela cidade, mapear a cidade através do graffiti. O fato de ter a própria, sabe, se identificar, reconhecer e ser identificado, ser reconhecido dentro de uma cena e de um movimento. Se sentir inserido num movimento é muito bom, na verdade a gente quer queira quer não tá sempre procurando mesmo alguma coisa pra se identificar. Estereótipos.

5. Qual é sua intenção ao grafitar no Grajaú?

Minha intenção é ocupar grande parte dos espaços públicos contribuindo com uma educação de uma linguagem estética, pra cidade contemporânea falando de urbanismo. Contribuir com a paisagem da cidade, com a informação difundida na cidade e nas cidades.

6. Qual o trabalho realizado pelo coletivo IMARGEM no Grajaú?

A gente acredita que a gente é um movimento, mais que um coletivo, a gente é um movimento. A gente é simpaticamente apelidado de coletivo, denominado coletivo e agente também se identifica como coletivo, mas o Imargem é mais que um coletivo, por que é um movimento, as vezes é um, as vezes são cem pessoas é um monte que se identifica, sabe? As vezes é dois, é três, é quatro, é quem propõem é quem participa de cada determinado projeto, a gente participa de vários projetos, né? Então, são projetos que tem composições e integrantes diferentes, atuações diferentes.

Entrevistadora - É um movimento transversa?

Isso, é um movimento transversal.

Grafito 3

1. Qual é sua opinião referente à sua prática do graffiti na região do Grajaú?

É excelente, eu acompanhei desde de os primeiros graffitis do Grajaú, hoje em dia vejo toda essa evolução um monte de grafiteiros tanto mais velhos quanto mais novos dando bons exemplos, levando a coisa muito a sério, se profissionalizando em relação a isso, aos conhecimentos, dando oficinas de graffiti, levando isso para a comunidade, áreas de lazer, eu acho que esta maravilhoso.

2. Você considera o Graffiti como uma ferramenta de inclusão social?

Sim, bastante até, eu sei que na África do Sul o Skate é o único elemento do esporte e a cultura que consegue unir brancos e negros. O graffiti eu vejo que é uma ferramenta muito forte por que ele também faz isso aqui em São Paulo, né? ele une bairros, pessoas de um bairro, pessoas de outro, une também pessoas da periferia com pessoas de regiões mais centrais, então eu vejo como uma grande inclusão sim, tanto pra quem esta fazendo quanto pra quem esta assistindo, que pode chegar e se aproximar e quebrar vários tabus né?

3. Como e quando ocorre a inclusão social pela perspectiva o graffiti no Grajaú?

Então ela ocorre quando a gente junta os bairros né? Quando uma pessoa do Eliana pinta com alguém do Cantinho do Céu, e assim vai indo, é quando os bairros... as pessoas dos bairros se encontram pra pintar um muro, então são varias pessoas em vários lugares, que não se conheciam antes começaram se conhecer a partir do graffiti e naquele momento se junta pra embelezar, restaurar, ou passa uma mensagem para a comunidade.

Entrevistador: E através das oficinas né?

Isso, como essas dos jovens que tem aqui no CEU, nos CEUS, nas escolas, esses espaços que eles liberam pra gente poder pintar, pra gente poder mostrar a nossa mensagem, passar de volta para a comunidade tudo que a gente aprendeu.

4. Quais experiências foram proporcionadas devido a pratica do graffiti que você considera importante na sua vida?

Nossa foram varias, bom umas das mais importantes que eu achei da minha vida foi...primeiro foi que o graffiti...você precisa sair do seu bairro pra poder ser conhecido, você precisa pintar em outros bairros, isso fez com que eu saísse daqui e fosse mais para a região central de São Paulo, então isso foi muito importante para não ficar só no bairro...olhar novos olhares, ampliar as perspectivas, tanto de trabalho quanto mental mesmo, e uma coisa que foi muito importante foi uma quebra de tabus, que como eu cresci aqui, eu tinha muito essa coisa de pobre, rico, essas coisas. Quando eu comecei a pintar mais na região central, eu conheci algumas pessoas que tinha uma condição melhor, tinha toda uma estrutura e essas pessoas foram muito legais com a gente, então isso fez eu quebrar meu preconceito, quebrar um tabu e entender que existe pessoas boas, pessoas ruins em qualquer área, em qualquer situação social, isso vai muito mais de índole, de caráter de uma pessoa, daquilo que ela aprende na casa dela do que necessariamente do que ela tem ou não tem, então o fato de ser recebido na casa do meu amigo Paulo Italo na Vila Madalena, dormi lá, me receber bem, a mãe dele me receber bem, fez com que eu quebrasse um pouco essa visão, falei "ó que legal", fez com que eu quebrasse meu preconceito, esse pré-conceito era muito mais estabelecido da minha cabeça, ou de uma coisa implantada da mídia, de algumas musicas que eu escutava do que na pratica, na pratica não era bem assim, então eu entendi que aqui tem pessoas tão ruins quanto... e também do outro lado também, mas vai muito mais de caráter, de índole, de pessoa para pessoa.

5. Qual é sua intenção ao grafitar no Grajaú?

Bom, no começo eu não tinha uma intenção... a minha intenção era puramente passar minha mensagem, mostrar os meus desenhos, os meus trabalhos. Eu desenhava muito no papel, nas carteiras de sala de aula, fazia essa coisa assim... Só que ai eram poucas pessoas que conseguiam ver esse trabalho. Quando eu comecei a pintar na rua, por que eu vi um amigo chamado Faias pintando, aquilo ampliou minha mente, falei “pô, eu posso passar minha mensagem para mais pessoa”. Então esse é um dos meus objetivos, usar a rua como uma ferramenta de trabalho e pra passar minhas mensagens.

Questão 6-

Bom, o trabalho do Imargem, ele... Primeiro começou com uma ideia coletiva né? A qual eu também fazia parte, e o trabalho era exatamente se apropriar, fomentar isso que a gente já estava fazendo com os graffitis, só que sem ser formalmente, então eu acho que o Imargem foi muito importante para trazer essa coisa, pra ser mais formal, com a entrega dos projetos, seja pelo VAI, seja para outros institutos, então acho que foi muito importante, fora isso o evento do Niggaz, que eles produziram muitos anos, no começo eu também participei, mas depois eu tive que viajar e não deu mais para participar diretamente, mas eu achei que foi algo muito importante e que esta ai caminhando, né? E que eu espero que tenha vários anos, que muito mais a comunidade se junte a esse projeto.

Grafito 4

1. Qual é sua opinião referente à sua pratica do graffiti na região do Grajaú?

Eu acho que não só no Grajaú, acho interessante a gente ter uma visão um tanto macro da questão por que o graffiti hoje esta nos extremos e na centralidade também e aqui no Grajaú como muitas pessoas consideram, as

periferias, são os guetos modernos, né? Então aqui ainda é um lugar que inclusive as pessoas conhecem o que se produz, hoje e a cada dia que se passa mais. Aqui o graffiti acaba sendo uma cultura próxima das pessoas. É uma cultura urbana, uma cultura que dialoga estreitamente com a cultura juvenil, o jovem. Nas periferias tem muito jovem. Então eu acho que o graffiti... a produção cultural do graffiti, ele aparece de forma muito forte, emblemática e até de forma muito importante na formação cultural das pessoas. Não só no graffiti, mas em outros elementos da cultura urbana, no skate, no rap, no break.

2. Você considera o graffiti como uma ferramenta de inclusão social?

Me incomoda um pouco esse negocio de inclusão social, o termo, né? Me parece que ele está um pouco estigmatizado... O graffiti mais do que incluir, ele trás pertencimento. Acho que a pessoa quando ela se envolve e ai não é só com o graffiti, acho que com qualquer tipo de cultura, ela se enxerga enquanto ser, ela consegue se ver enquanto uma pessoa que é, ai ela pertence. Ai quando você pertence também você se sente no direito de poder influir e incidir nessa cultura, então mais que incluir, acho que esse é um termo muito desgastado, acho que trás mais é o pertencimento.

3. Como e quando ocorre a inclusão social pela perspectiva o graffiti no Grajaú?

Já que insistimos na ideia de inclusão. Não é mentira ele até inclui.

Voltando a ideia de inclusão, ela acontece quando você tem pertencimento. Quando você se sente pertencente a tal questão, você passa a se sentir incluído. Eu acho que esse contexto o graffiti trás pertencimento de uma cultura, você se enxerga enquanto ser produtivo de arte e cultura e ai você começa a estar incluído também, nas perspectivas diretas. E ai vários planos, seja na participação popular, né? Eu acho que a questão do graffiti trás varias referencias das nossas matrizes históricas, seja matrizes africanas, indígenas, dos nossos valores, acho que estão embutidos na cultura do graffiti ou na

cultura urbana, na cultura hip hop, nas culturas, principalmente de matrizes africanas, na oralidade, isso também está muito forte quando a gente passa a contar história e ouvir história dos mais velhos também, isso também trás pertencimento, então a pessoa começa também a sentir que é possível, então até hoje... Cada dia que passa, acho que a discussão principal hoje da inclusão, acho que não é nem inclusão social mais já, a gente já está os direitos de quarta geração, acho que os direitos de quarta geração nos aponta para uma inserção no plano econômico de fato. O plano econômico parece que já foi embutido, mas não necessariamente, acho que a cultura também favorece que a gente possa participar de um plano econômico de fato.

4. Quais experiências foram proporcionadas devido a pratica do graffiti que você considera importante na sua vida?

São muitas viu, essas perguntas eu acho muito vagas, da vasão pra gente responder tudo, inclusive muitas horas a gente poderia ficar debruçado sobre essas questões.

Para não falar de muitas, acho que principalmente em relação humana, acho que hoje minha vida é balizada pela cultura do graffiti e da arte, o fator de conviver com as pessoas, de ter que conhecer outros espaços, outras culturas, outras diversidades. Isso também eu acho que é uma das coisas principais, mas também de questões de pertencimento, de poder achar que eu posso contribuir com o plano mais macro de sociedade e num plano mais planetário talvez, acho que geral.

5. Qual é sua intenção ao grafitar no Grajaú?

Sabe aquela coisa do Pink e do Cérebro¹⁵, quando ele fala “o que vamos fazer amanhã, o Pink pro Cérebro”, e ele responde “tentar conquistar o mundo”. Acho que quando a gente tem um potencial de... Acho que é uma expressão e

¹⁵ Desenho da Warner Bros. Sobre dois ratos de laboratório que todas as noites tentam conquistar o mundo.

quando a gente tenta expressar isso... E essa expressão diz também, a gente quer dizer também alguma coisa também e cada vez mais, acho que a gente quer fazer com que as pessoas escutem o que a gente acredita que é importante, que é relevante pra elas entenderem. Se é que é o Chaves, lá se óleo que a gente tem que ver, o fator da água que a gente tem que passar a entender, se é a questão do negro, se é a questão da economia também que é um fator que hoje tá restrito a economistas, historiadores, enfim, são questões centrais... Eu adoro os clichês, o plano também da sustentabilidade justamente são questões que a gente não só quer como vem incidindo também.

6. Qual o trabalho realizado pelo coletivo IMARGEM no Grajaú?

Tem três eixos: arte, meio ambiente e convivência. Esses três eixos andam muito juntos, mas eu gosto mais uma vez de reforçar o fator da convivência. Por que a convivência que vai fazer com que os outros eixos possam acontecer. Então nesses eixos a gente lança um série de estratégias pra poder fazer acontecer. Então a arte, ela é mais uma ferramenta, é um mecanismo de expressão onde as pessoas vão dizer vão se expressar e a partir daí a gente vai tentar entrar no processo de convivência, pra entrar nos nossos consensos e ao mesmo tempo discutir a convivência harmônica dentro do espaço, que aí envolve o meio ambiente. O meio ambiente não é só o mico leão dourado, o meio ambiente é aqui a convivência dentro do território super impar ou par também, par é bom também, mas impar é a expressão que dizem que é único. A gente tá numa área de manancial, do lado de uma das maiores represas em área habitada a Billings, que muitos confundem com a Guarapiranga que é bem menor, enfim, acho que o Imargem... Ele tenta incidir em várias esferas, seja no campo pedagógico, campo econômico também, cada dia que passa a gente tá mais discutindo a questão econômica, as questões também ambientais, também de impacto, as questões de direitos humanos, direito a cidade, os direitos todos, os direitos de quarta geração. É o direito de ter uma água limpa, de ter um ar bom, né? Ter um direito a terra, a moradia, entre outras coisas.

Anexo D**Questionário para moradores**

1. Idade: _____

2. Sexo: F () M ()

3. Escolaridade:

- a) Ensino Fundamental Completo
- b) Ensino Fundamental incompleto
- c) 2º grau completo
- d) 2º grau incompleto
- e) Ensino Superior Completo
- f) Ensino Superior incompleto
- g) Sem escolaridade/Analfabeto

4. Renda mensal familiar:

- a) Até 1 s.m.
- b) De 1 a 3 s.m.
- c) De 2 a 5 s.m.
- d) Mais de 5 s.m.

5. Religião: _____

6. Bairro onde reside: _____

7. Qual é a sua opinião sobre a pichação de muros?

- a) Sujeira
- b) Vandalismo
- c) Falta de educação
- d) Identidade
- e) Contestação
- f) Forma de expressão dos jovens
- g) Pura e simples algazarra
- h) Forma de inclusão social pela arte
- e) Outra qual? _____

8. Qual é a sua opinião sobre o graffiti de muros?

- a) Sujeira
- b) Vandalismo
- c) Falta de educação
- d) Identidade
- e) Contestação
- f) Forma de expressão dos jovens
- g) Pura e simples algazarra
- h) Forma de inclusão pela arte
- f) Outra, qual? _____

9. Em sua opinião é possível à inclusão social pelo graffiti?

Sim () Não ()

9.1 Se sim, porque?

9.2 Se não, porque?

10. Você conhece o trabalho do coletivo IMARGEM?

Sim () Não ()

10.1 Se você conhece, considera que o trabalho por eles realizado é:

a) Arte () b) Pichação ()

11. O que é para você o graffiti?
